

**ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA**

**ROSELENE DA SILVA GONÇALVES**

**O PRINCÍPIO DA DIVERSIDADE EM PROCESSOS DE ESCOLARIZAÇÃO:  
UMA RELEITURA DE CENÁRIOS, À LUZ DOS DESAFIOS  
EDUCACIONAL, TEOLÓGICO E PEDAGÓGICO**

São Leopoldo

2011

ROSELENE DA SILVA GONÇALVES

O PRINCÍPIO DA DIVERSIDADE EM PROCESSOS DE ESCOLARIZAÇÃO:  
UMA RELEITURA DE CENÁRIOS, À LUZ DOS DESAFIOS  
EDUCACIONAL, TEOLÓGICO E PEDAGÓGICO

Trabalho Final de  
Mestrado Profissional  
Para obtenção do grau de  
Mestre em Teologia  
Escola Superior de Teologia  
Programa de Pós-Graduação  
Linha de Pesquisa: Educação  
Comunitária com Infância e Juventude

Orientadora: Sandra Vidal Nogueira

Segundo avaliador: Selenir Correa Gonçalves Kronbauer

São Leopoldo

2011

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G635p Gonçalves, Roselene da Silva

O princípio da diversidade em processos de escolarização: uma releitura de cenários, à luz dos desafios educacional, teológico e pedagógico / Roselene da Silva Gonçalves ; orientadora Sandra Vidal Nogueira. – São Leopoldo : EST/PPG, 2011.

65 f.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2011.

1. Educação multicultural. 2. Cidadania. 3. Professores – Formação. 4. Educação – Finalidades e objetivos. I. Nogueira, Sandra Vidal. II. Título.

ROSELENE DA SILVA GONÇALVES

O PRINCÍPIO DA DIVERSIDADE EM PROCESSOS DE ESCOLARIZAÇÃO:  
UMA RELEITURA DE CENÁRIOS, À LUZ DOS DESAFIOS  
EDUCACIONAL, TEOLÓGICO E PEDAGÓGICO

Trabalho final de  
Mestrado Profissional  
para obtenção do grau de  
Mestre em Teologia  
Escola Superior de Teologia  
Programa de Pós-Graduação  
Linha de Pesquisa: Educação  
Comunitária com Infância e  
Juventude.

Data:

Sandra Vidal Nogueira – Doutora Educação - Escola Superior de Teologia

---

Selenir Corrêa Gonçalves Kronbauer – Teologia – Escola Superior de Teologia

---

## AGRADECIMENTO

À minha família pelo apoio e incentivo, especialmente meu amado marido que foi paciente com minhas crises e inseguranças, guardando sempre uma palavra amiga e de incentivo, fez leituras e deu sugestões nos momentos de incerteza e desânimo considerou minha oportunidade de sucesso pessoal como sua também.

Aos queridos e amados filhos que compreenderam a importância da minha empreitada, espero ser exemplo e incentivo ao estudo.

Minha diletta irmã, que sempre está ao meu lado e acredita em tudo que faço, demonstrando admiração e carinho.

Aos meus maravilhosos pais que possibilitaram meu prazer pelo estudo, que sempre estiveram presentes em todos os meus momentos, que me admiram e mantêm um brilho especial no olhar, por enxergar nas minhas conquistas as suas próprias que ficaram enterradas no tempo pela falta de oportunidade na vida.

Aos amigos da escola que trabalho, aos amigos de mestrado que tornaram os momentos longe de casa verdadeiros momentos de conforto na companhia um do outro.

A queridíssima professora Sandra Vidal, que é exemplo e consegue incentivar e corrigir com ternura e sabedoria, suas intervenções foram ricas e contundentes para seguir em frente.

Aos primeiros professores que conheci na EST e pelos quais guardo admiração e carinho especial pela atuação e amor a educação, professor Remí Klein apaixonado, sempre com uma lágrima no olhar quando fala de humanidade e deixa as aulas com reticências e não com ponto final, muito inspirador. Professora Laude Erandi Brandenburg tão carinhosa e competente, com notável energia positiva diante da vida.

A Deus pela enorme bondade em guiar-me para o conhecimento, por ter colocado em minha vida todas as pessoas aqui citadas, pela saúde, pelo amor, pela persistência que são características impressas em mim.

O ser humano é um ser racional e irracional,  
capaz de medida e desmedida,  
sujeito de afetividade intensa e instável.  
Sorri, ri, chora, mas sabe também conhecer com objetividade;  
é sério e calculista, mas também ansioso, angustiado, gozador,  
ébrio, extático; é um ser de violência e de ternura, de amor e de ódio;  
é um ser invadido pelo imaginário e pode reconhecer o real;  
que é consciente da morte, mas que não pode crer nela;  
que secreta o mito e a magia, mas também a ciência e a filosofia;  
que é possuído pelos deuses e pelas idéias, mas que duvida dos deuses e critica idéias; nutre-se  
dos conhecimentos comprovados, mas também de ilusões e de quimeras.  
E quando, na ruptura de controles racionais, culturais, materiais,  
há confusão entre o objetivo e o subjetivo, entre o real e o imaginário, quando há hegemonia de  
ilusões, excesso desencadeado,  
então o *homo demens* submete o *homo sapiens*  
e subordina a inteligência racional  
a serviço dos seus monstros.

(Morin)

## RESUMO

Nas práticas educativas contemporâneas não cabem mais posturas profissionais que reproduzem conceitos elitizados e práticas estereotipadas de gestão dos processos de escolarização. Para tratar dessa questão, a presente Pesquisa apresenta como pergunta de partida: *com base na releitura de questões emergentes nos cenários educacional, teológico e pedagógico, quais são alguns dos desafios enfrentados pelos processos de escolarização de crianças e jovens no Brasil para consolidar o princípio da diversidade?* O objetivo em última análise é, pois, socializar conhecimentos, como forma de contribuir com os debates acadêmicos sobre as possibilidades de promover a inclusão nos espaços de educação formal. Para tanto, optou-se por uma metodologia bibliográfica, selecionando obras de autores contemporâneos nas interfaces das Áreas de Teologia e Educação, focalizando conceitos que oportunizam a construção do respeito ao diferente. Nesse sentido, o trabalho está organizado em três capítulos. No primeiro capítulo, *Cenários dos Desafios Educacionais* -, merece ênfase a relevância das práticas dialógicas, a representação das identidades culturais e o acolhimento profissional em atitudes que reforcem a dignidade nas diferentes formas de trabalho escolar. No segundo capítulo, *Cenários dos Desafios Teológicos* -, são tratadas questões sobre a cidadania nas relações de gênero, a urgência das posturas éticas e a vivência integral das fases do desenvolvimento humano. No terceiro capítulo, *Cenários dos Desafios Pedagógicos* -, ganha foco, conteúdos direcionados para os processos de formação continuada, os marcos regulatórios das diretrizes curriculares e a superação nos paradigmas de gestão vigentes.

Palavras-chave: Escolarização. Diversidade. Currículo. Inclusão. Respeito. Cidadania.

## ABSTRACT

In contemporary educational practices no longer fit professional positions that reproduce stereotypical concepts and practices of elite management of the processes of schooling. Addressing this question, this research presents as a starting question: based on the reinterpretation of emerging issues in educational settings, and theological teaching, what are some of the challenges faced by the processes of schooling for children and young people in Brazil to consolidate the principle of diversity? The goal ultimately is therefore, socialize knowledge as a way to contribute to academic debates about the possibilities to promote the inclusion in the spaces of formal education. To this end, we opted for methodology literature, selecting works of contemporary authors in the interfaces of the areas of Theology and Education, focusing on concepts that nurture respect to the construction of different. In this sense. The works are organized into three chapters. In the first chapter, Educational Challenge Scenarios – deserves emphasis the importance of dialogic practices, the representation of cultural identities and host professional attitudes that reinforce the dignity in the different form of school work. In the second chapter, the Theological challenge Scenarios – are treated on citizenship issues in gender relations, the urgency of the ethical positions and integral experience of the stages of human development. In the third chapter, Pedagogical Challenge Scenarios – win focus, targeted contents to the processes of continuing education, regulatory frameworks of curriculum guidelines and overcoming the existing management paradigms.

Keywords: Schooling. Diversity. Curriculum. Inclusion. Respect. Citizenship

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. CENÁRIOS DOS DESAFIOS EDUCACIONAIS.....	11
1.1 A relevância do diálogo está no conhecimento do outro e nas suas diversidades.....	15
1.2. A cultura nos diz <i>quem</i> somos, <i>de onde</i> viemos e determina <i>para onde</i> vamos.....	19
1.3. Compreender e oferecer dignidade na forma de trabalhar com o/a aluno/a .....	23
2. CENÁRIOS DOS DESAFIOS TEOLÓGICOS.....	27
2.1 A cidadania para além da diversidade de gênero .....	31
2.2 A urgência de atitudes éticas para harmonizar as relações .....	36
2.3. Viver cada fase do desenvolvimento humano em sua totalidade .....	39
3. CENÁRIOS DOS DESAFIOS PEDAGÓGICOS.....	47
3.1. Concepções dos processos de Formação continuada.....	50
3.2. Marcos regulatórios das Diretrizes curriculares .....	52
3.3. Gestão de processos escolares superando os discursos .....	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
BIBLIOGRAFIA .....	62

## INTRODUÇÃO

Nas práticas educativas contemporâneas não cabem mais posturas profissionais de parcialidade, que reproduzem conceitos elitizados e práticas estereotipadas de gestão dos processos. Por sua vez, os movimentos sociais pioneiros no Brasil e no mundo preocuparam-se em reforçar os compromissos com as mudanças urgentes nos modos de ser e existir dos variados modelos educativos excludentes.

Desse ponto de vista, os/as protagonistas da gestão escolar precisam estar atentos para o atendimento da diversidade dos/as atores/as que são sujeitos desta Educação.

Boa parte dos desafios a serem enfrentados, diariamente, trazem características que demandam o diálogo pautado pela ética e pelo respeito com as pessoas, como forma de perceber suas peculiaridades. Isto requer olhares e uma sensibilidade diferenciados, que na maioria das vezes encontram-se carentes de um constante movimento de renovação.

As mudanças sociais que se registram, neste século, vislumbram alterações radicais na estrutura familiar, nos espaços de formação inicial e continuada, bem como no perfil ao mercado de trabalho.

À despeito de todos os esforços governamentais principalmente no mundo ocidental, nos níveis político e jurídico, com vista a criar mecanismos de garantias dos direitos humanos, ainda são localizadas gigantescas lacunas na promoção de práticas inclusivas.

Com base na releitura de questões emergentes nos cenários educacional, teológico e pedagógico, quais são alguns dos desafios enfrentados pelos processos de escolarização de crianças e jovens no Brasil para consolidar o princípio da diversidade?

Esta é a questão central que impulsiona a presente Pesquisa. O objetivo em última análise é, pois, socializar os conhecimentos adquiridos no Mestrado Profissional em Teologia – Educação Comunitária com Infância e Juventude, de Faculdades EST, como forma de contribuir com os debates acadêmicos sobre as possibilidades de promover a inclusão.

Para a realização da pesquisa optou-se por uma metodologia bibliográfica, selecionando obras de autores contemporâneos nas interfaces das Áreas de Teologia e Educação, focalizando conceitos que oportunizam a construção do respeito ao diferente.

A formulação do quadro teórico desta Dissertação acabou por pontuar algumas reflexões acerca dos caminhos que se pode percorrer ou evitar na tentativa de edificar um

processo de escolarização mais justo, na qual o respeito à identidade do/a estudante seja uma constante. Nesse sentido, o trabalho está organizado em três capítulos.

No primeiro capítulo, *Cenários dos Desafios Educacionais* -, merece ênfase a relevância das práticas dialógicas, a representação das identidades culturais e o acolhimento profissional em atitudes que reforcem a dignidade nas diferentes forma de trabalho escolar.

No segundo capítulo, *Cenários dos Desafios Teológicos* -, são tratadas questões sobre a cidadania nas relações de gênero, a urgência das posturas éticas e a vivência integral das fases do desenvolvimento humano.

No terceiro capítulo, *Cenários dos Desafios Pedagógico* -, ganham foco, conteúdos direcionados para os processos de formação continuada, os marcos regulatórios das diretrizes curriculares e a superação nos paradigmas de gestão vigentes.

## 1. Cenários dos Desafios Educacionais

Estamos nas primeiras décadas do século XXI e a Educação passa por uma fase de mudanças significativa no que diz respeito aos aspectos de forma e conteúdos. Isto requer o esforço de todas as esferas de governo, em todos os níveis e segmentos do ensino e as autoridades governamentais buscam, via de regra, elaborar projetos educacionais mais consistentes e que atendam a essas novas realidades existentes, pois a educação precisa acompanhar as demandas que estão emergindo.

Além da informação pedagógica e dos métodos de ensino, o campo da Educação deve se ocupar de conteúdos que incorporem novas dimensões de saberes e conhecimentos ao próprio ato educativo. Nesse sentido, os desafios educacionais que estão sendo identificados (étnico, cultural, de gênero e etc.) não podem ser ignorados. Há de se pensar em uma educação que leve mais o dia-a-dia para dentro das escolas.

É muito comum o uso da seguinte expressão na geografia educacional brasileira, *‘a escola é uma representação da sociedade’*, no entanto, quando estamos com os/as estudantes em sala de aula, deixamos de tratar de temas polêmicos e que fazem parte do cotidiano de suas vidas. São poucos os/as professores/as que se dispõem a fazer leituras e releituras a respeito dos temas que são relevantes para os/as estudantes/as.

Observa-se assim, que existem grandes desafios a serem encarados e trabalhados de forma inteligente na escola, contemplando as dúvidas, os interesses e anseios de nossas crianças e jovens. O primeiro deles consiste na aceitação desse tipo de abordagem de trabalho por parte do docente. O fato é, que a diversidade social está aí e quando se fala nela é possível lançar o olhar para diversidade nas perspectivas cultural, étnica, de gênero, etc.

Há muitas pessoas na sociedade se organizando, lutando de maneira solitária ou engajadas em grupos e/ou associações para serem aceitas e fazerem parte do que é considerado *‘o padrão de normalidade’*. Dentre essas pessoas, merecem destaque os grupos feministas, de pessoas portadoras de necessidades especiais, de negros, de indígenas, de homossexuais que almejam ter a garantia de seus direitos dentro das igrejas, das escolas e do ambiente de trabalho.

É impressionante que tenham de existir esses movimentos, para que algumas pessoas sejam incluídas, pois a consciência de cada um enquanto cidadão não é suficiente para exercer

o respeito que deveria ser natural com relação ao outro, independente de qualquer diferença que exista.

Na primeira Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude<sup>1</sup> jovens feministas “[...] defenderam os direitos humanos das mulheres e a perspectiva de gênero em políticas de juventude, mas não necessariamente se restringiam a políticas de identidade em suas militâncias [...]”

O discurso desse Grupo demonstra a necessidade e o interesse de jovens de todos os segmentos sociais com a questão dos direitos humanos. Isto é interessante considerando que este evento<sup>2</sup> não contou apenas com jovens estudantes secundaristas e universitários, mas com jovens trabalhadores/as do campo e da cidade, que percebem e vivem a discriminação em suas rotinas de vida.

Também os jovens do Movimento LGBT<sup>3</sup> “[...] referiram-se a avanços quanto ao reconhecimento dos direitos humanos das pessoas LGBT e quanto a serviços, cuidados com a AIDS e o respeito nas escolas<sup>4</sup>, [...]”. Destacou-se a importância dada à Educação, à escola, no combate a discriminações. [...]”<sup>5</sup>. Esta é, pois, uma consideração que confirma e fortalece a confiança que a sociedade ainda tem na Educação oferecida pela escolarização formal, uma Educação para a aceitação e respeito ao diferente, acima de tudo.

A participação dos/as jovens do Movimento Negro nesta conferência<sup>6</sup> demonstrou que, “[...] não organizaram sua militância no movimento estudantil, mas a partir da materialidade de suas vidas, do racismo e das violências sofridas [...]”<sup>7</sup> Consideram, também, que a produção acadêmica desempenha, lamentavelmente, papel preponderante na manutenção desse quadro de desigualdades”, quando produzem livros didáticos que pouco reproduzem a questão do negro na sociedade, mascarando o racismo que está nas práticas escolares e sociais ou enfatizando o sentimento de menor valor da capacidade intelectual do/da negro/negra.

A Educação, com seu poder de modificar comportamentos, atitudes e valores exerce uma função imprescindível na reunião e união de jovens com objetivos comuns. É certo que o

<sup>1</sup> CASTRO, Mary Garcia e ABRAMOVAY, Míriam. *Quebrando Mitos: juventude, participação e política. Perfil, percepções e recomendações...* Brasília: Ritla, 2009. Esta conferência aconteceu em Brasília no ano de 2008.

<sup>2</sup> CASTRO e ABRAMOVAY, 2009, p 54

<sup>3</sup> A sigla se refere a “lésbicas, gays, bissexuais e transexuais”

<sup>4</sup> Grifo nosso.

<sup>5</sup> CASTRO e ABRAMOVAY, 2009, p. 55

<sup>6</sup> Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude.

<sup>7</sup> CASTRO e ABRAMOVAY, 2009, p. 57 - 58

pano de fundo da constituição desses movimentos de luta reforçam a existência de ‘*vazios de sentidos*’ que devem ser preenchidos, principalmente pela Educação inicial, nos primeiros anos do Ensino Fundamental.

No afunilamento que existe no topo da pirâmide educacional, muitas crianças não conseguem terminar o Ensino Fundamental. Muitos sonhos de mudança são ceifados antes de suas concretizações. Jovens são ‘capacitados’ em formas para reproduzir o que o sistema quer e que considera mais interessante, ou seja, mão de obra de baixo custo e não pessoas com plena formação para a produção de seus próprios pensamentos, ou seja, cidadãos críticos e criativos, que tenham como propósito mudar a si mesmos e, conseqüentemente, mudar o mundo.

Os negros, por exemplo, trazem em sua história de vida um estigma de que suas capacidades são menores, que suas aparências precisam de modificações e ajustes para conseguirem aceitação social. Na verdade é mais uma maneira de castração e negação da identidade de uma parcela significativa e importante do que se constitui hoje, ‘*a terra brasilis*’.

Durante anos, sobretudo a partir da década de 30, referenciado-se principalmente na miscigenação e na forma envergonhada de expressão do discurso racista, desenvolveu-se no país o mito da democracia racial. Durante a maior parte deste século, ações de combate ao racismo, a organização cultural e política dos negros brasileiros, e a implantação de políticas para a superação das desigualdades raciais foram inibidas<sup>8</sup>

Num país como o nosso, no qual a população negra é expressiva, a hipocrisia com relação às várias formas de racismo não deveria ser algo comum ou mesmo aceito socialmente. Infelizmente, alguns negros se acostumaram com mal tratos e isso acabou tirando destes o orgulho de pertencer a uma raça/etnia, que abraçou indelevelmente a construção desse país.

Outro fator interessante a ser observado, é que muitas pessoas se declaram ‘*pardas*’, somente na tentativa de se fazerem pertencentes a um grupo ‘*mais aceito socialmente*’. Então, julgo que seja necessário e urgente enfrentar o desafio educacional da quebra do sentimento de menor valia e do estigma da exclusão.

Cerca de 44,2% da população brasileira é composta por afro-brasileiros. As desigualdades históricas produzidas pelos mais de três séculos e meio de escravidão, aprofundadas pela falta de políticas para a inclusão do negro brasileiro no processo de desenvolvimento durante os anos do período pós-abolição, fazem com que esse

---

<sup>8</sup> PEREIRA, Dulce Maria. *A face negra do Brasil multicultural*. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br>> acesso em 20 de ag. de 2011.

grupo ocupe as posições inferiores da pirâmide social, vivenciando profundas desvantagens no mercado de trabalho e no sistema educacional<sup>9</sup>.

A intervenção a seguir mostra-se bastante oportuna sobre a questão das mudanças de paradigmas:

Digo para mim mesma: onde há vontades, há caminhos. Refletir sobre os possíveis caminhos dessa identidade renovada da educação é tarefa própria de profissionais da educação. Cabe à escola como instituição organizar esse processo, sei disso. É uma faceta de sua identidade a ser ainda mais desenvolvida. Cabe às mantenedoras e aos sistemas de ensino prever espaços de formação em que o corpo técnico-administrativo-pedagógico possa apropriar-se dos conceitos teóricos que fundamentam a prática das adequações curriculares: em relação à educação inclusiva, ao conhecimento das características étnicas diferenciadas, às diferenças religiosas e a tantos outros aspectos presentes nas diversidades da vida.<sup>10</sup>

As pessoas portadoras de necessidades especiais, por exemplo, tem sido mais atuantes e produtivas e já não ficam mais escondidas em suas casas, considerando-se como pessoas incapazes de atuação social.

O mercado de trabalho, por sua vez, abre vagas para pessoas portadoras de necessidades especiais e já se constata que algumas funções são destinadas especificamente para elas. A Cartilha da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, em seu artigo 27, garante o direito de acesso e permanência no trabalho de maneira digna.

Os Estados Partes reconhecem o direito das pessoas com deficiência, ao trabalho, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas. Este direito abrange o direito à oportunidade de se manter com um trabalho de sua livre escolha ou aceitação no trabalho laboral, em ambiente de trabalho que seja aberto, incluso e acessível a pessoas com deficiência. Os Estados Partes salvaguardarão e promoverão a realização do direito ao trabalho, inclusive daqueles que tiverem adquirido uma deficiência no emprego, adotando medidas apropriadas, incluídas na legislação [...]<sup>11</sup>

Apesar desses avanços jurídicos, a questão não é nova. Desde o início do século XX os países se reúnem para garantir os direitos de pessoas com deficiência.

Por volta do ano de 1902 a 1912, cresceu na Europa a formação e a organização de instituições voltadas para preparar a pessoa com deficiência. Levantaram-se fundos para a manutenção destas instituições, [...]. Já começavam a perceber que as pessoas

<sup>9</sup> PEREIRA, Dulce Maria, 2011.

<sup>10</sup> KLEIN, Remí, BRANDENBURG, Laude Erandi e WACHS, Manfredo Carlos [ orgs] *V Simpósio de Ensino Religioso: diversidade e identidade*. São Leopoldo: Sinodal □ EST, 2008, p.23.

<sup>11</sup> Presidência da República. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. *Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência*. Protocolo Facultativo à Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência. Brasília, 2007.

com deficiência precisavam participar ativamente do cotidiano e integrarem-se na sociedade.<sup>12</sup>

No bojo dos desafios educacionais emergentes, os/as professores/as ocupam lugar de destaque, tanto no acolhimento das demandas, quanto no direcionamento delas para a aceitação por parte dos/as demais estudantes e também de seus pares no exercício do Magistério. Desse ponto de vista, as demandas que aparecem para a escola mexem com valores sedimentados nas vidas de professores/as e gestores/as e não é possível encará-las sem que aconteça uma expressiva reorganização desses valores e uma revisão substantiva no entendimento sobre o papel educativo no cenário social mais amplo.

### **1.1 A relevância do diálogo está no conhecimento do outro e nas suas diversidades**

Muitos discursos pedagógicos feitos nas escolas são baseados na necessidade de que haja a garantia de práticas dialógicas nos procedimentos de tomada de decisões, nos planejamentos de aulas e nos processos de formação continuada.

Os/as Professores/as querem ser ouvidos/as e, portanto, defendem o diálogo como pano de fundo para que suas ideais sejam respeitadas, muito embora nem sempre concordem com o pensamento dos/as outros/as e não são raros os momentos que não os respeitem também.

O diálogo vira, em muitos momentos, ‘bode expiatório’ para uma série de ausências. Pouco se fala na figura dos/as estudantes e no atendimento de suas necessidades educacionais. “O desenvolvimento das relações interpessoais requer, na escola, uma pedagogia dialógica. Por ser dialógica, é dialética. [...]”<sup>13</sup>,

É, pois, necessário reconhecer que a relevância do diálogo está no conhecimento do outro e na possibilidade de se fazer parte da vida do outro. Boff afirma que o ser humano é “um ser de relação e de comunicação, portanto, um ser de diálogo [...]”<sup>14</sup>.

Alguns professores/as ainda consideram que ouvir seus estudantes e suas histórias não tem valor em si mesmo, portanto escutá-los/as poderia ser apenas ‘perda de tempo’, no

---

<sup>12</sup> GUGEL, Maria Aparecida. *A pessoa com deficiência e sua relação com a história da humanidade*. Disponível em < [HTTP://www.ampid.org.br/Artigos/PD\\_Historia.php](http://www.ampid.org.br/Artigos/PD_Historia.php) > acesso em 25 de mar.2011.

<sup>13</sup> KLEIN, BRANDENBURG e WACHS, 2008. p.28

<sup>14</sup> BOFF, Leonardo. *Ethos Mundial: Um consenso mínimo entre os humanos*. Rio de Janeiro:Record,2009.p. 94.

entanto, sabemos que este procedimento é que enriquece, em muito, o trabalho do planejamento, sua execução e, ainda, os momentos de avaliação.

Além disso, o viver humano não é algo que se satisfaça com o pensamento ou as idéias; precisa ser vivenciado concretamente. Vale dizer: cada um de nós precisa do outro ser humano que tem necessidades, dificuldades e diferenças. É no seio dessa percepção humana que cada pessoa consegue ser o que é, ou seja, um eterno guerreiro na luta pela implementação da igualdade.<sup>15</sup>

Não é possível perceber o outro se não construo espaços de diálogo para esta percepção. Como professor/a, preciso antes de tudo considerar todas as diferenças como sendo conteúdos ricos para ensinar o próprio valor dessas diferenças.

Amar as pessoas. É muito dialético. [...] ao ir às favelas e até aos camponeses, eu tinha que ser coerente com as razões pelas quais eu ia lá. Eu não tinha qualquer outra saída a não ser amar as pessoas – isso é, amar as pessoas, acreditar nas pessoas, mas não de uma forma ingênua. Para ser capaz de aceitar que todas essas coisas que as pessoas fazem são boas só porque as pessoas são pessoas? Não, as pessoas também cometem erros. Não sei muitas coisas, mas é necessário acreditar nas pessoas. É necessário rir com elas, porque se você não fizer isso, não poderemos aprender com as pessoas e, ao não aprender com as pessoas, tampouco posso ensiná-las.<sup>16</sup>

Acolher as pessoas é parte integrante do processo de diálogo. É uma atitude de respeito às opiniões e dentro da escola isso deveria ser corriqueiro, contudo, muitas vezes, a luta de ‘egos’ deixa esta prática no esquecimento.

Isso acontece quando o/a gestor/a, por exemplo, se considera tão poderoso que deixa de reunir o grupo para que exponha suas opiniões sobre a prática diária. Para ele, muitas vezes a voz do/a funcionário/a não tem valor, igualmente desqualifica as vozes de professores/as, estudantes e suas famílias.

A Educação ao longo do tempo acabou tendo variadas funções, como por exemplo, estratificar a sociedade colocando o conhecimento como posse das elites, repassar conhecimentos técnicos para preenchimento de mão de obra no mercado de trabalho, formar para a cidadania, etc.

No século XXI surge a necessidade de uma Educação que seja voltada para compreender homens e mulheres como seres complexos, pautada por relações mais éticas na sociedade e, de modo particular, em diversos contextos organizacionais.

<sup>15</sup> ENGELMANN, Wilson. *Para entender; princípio da igualdade*. São Leopoldo: Sinodal, 2008.p.56.

<sup>16</sup> FREIRE, Paulo e MYLES, Horton. *O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social*.5.ed. Petrópolis, RJ: editora vozes, 2009,p.228

Todas as funções profissionais têm no quesito ‘diálogo nas inter-relações’ um eixo de competência importante a ser trabalhado. Os trabalhos de formação inicial e continuada devem envolver estudantes, pais, professores/as, funcionários/as nesse clima de acolhimento.

Aprender significa, pois, participar de maneira pró-ativa, conhecer e aceitar o/a outro/a. Ouvir o/a estudante é parte integrante de uma Educação, que se quer identificada com uma perspectiva crítica e dialógica. Compete ao corpo docente articular sua prática com a história dos/as estudantes para que os saberes elaborados em sala de aula sirvam como conteúdo de ensino significativo, portanto:

[...] É preciso saber como ouvir, ou seja, saber como ouvir uma criança negra com a linguagem específica dele ou dela como a sintaxe específica dele ou dela, saber como ouvir o camponês negro analfabeto, saber como ouvir um aluno rico, saber como ouvir os assim chamados representantes de minorias que são basicamente oprimidas. Se não aprendermos como ouvir essas vozes, na verdade não aprendemos realmente como falar. Apenas aqueles que ouvem, falam. Aqueles que não ouvem acabam apenas por gritar, vociferando a linguagem ao impor suas idéias.<sup>17</sup>

As obras de Freire, por exemplo, material básico de estudo de futuros profissionais da Educação, abordam a Educação numa ótica emancipatória. Os/as professores/as, ainda que defendam esse tipo de abordagem, ao atuarem nas escolas, esquecem ou deixam de lado esse tipo de Educação, não priorizando uma perspectiva de ação mais dialógica, pois isto é deveras trabalhoso.

Apesar dessa constatação, é necessário que eu (enquanto docente!) liberte o/a estudante, fazendo-o entender que ele pode construir sua aprendizagem, que ele é livre para opinar, criticar e, principalmente, ser autêntico.

Freire menciona que como professor/a devo ter respeito à pessoa do educando, que o exercício da humildade e da tolerância se faz presente contra os “procedimentos inibidores”<sup>18</sup>. Levanta o questionamento a respeito de como ser educador/a sem aprender a “conviver com os diferentes?”<sup>19</sup> E o responde de imediato, argumentando que isto só pode acontecer com base no exercício contínuo e progressivo do diálogo.

[...] um diálogo sempre deixa marcas em nós. O que faz com que algo seja diálogo não é o fato de havermos ensinado algo de novo a alguém, mas que tenhamos encontrado no outro algo que não havíamos ainda encontrado em nossa

<sup>17</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia dos Sonhos Possíveis*. São Paulo: UNESP, 2001, p.58.

<sup>18</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* Ed.27. São Paulo: Paz e terra, 1996, p.67

<sup>19</sup> FREIRE, 1996, p.67

experiência de mundo. O diálogo possui uma força transformadora. Quando acontece um diálogo, algo fica em nós, e algo que nos transforma.<sup>20</sup>

É no poder do diálogo que se faz a conquista e a entrega ao outro ser, como alguém que é digno de ser compreendido. Afora isso, é, pois, nos cenário da Educação, que existe o terreno mais fértil para que isto aconteça, visto o seu poder de transformação da sociedade.

Por isso é que é importante afirmar que não basta reconhecer que a Cidade é educativa, independentemente de nosso querer ou de nosso desejo. A Cidade se faz educativa pela necessidade de educar, de aprender de ensinar, de conhecer, de criar, de sonhar de imaginar de que todos nós, mulheres e homens, [...] A Cidade somos nós e nós somos a Cidade. Mas não podemos esquecer de que o que somos guarda algo que foi e que nos chega pela continuidade histórica de que não podemos escapar, mas sobre que podemos trabalhar, e pelas marcas culturais que herdamos.<sup>21</sup>

Considerando as palavras de Freire, pode-se concluir que a construção relacional em perspectiva dialética é um fator social imprescindível para a vida em comunhão. Isso sim é dialógico, rico de aprendizagem e de oportunidades de ensino.

Diz Paulo Freire em *Extensão ou Comunicação?* Que: “ ser dialógico, para o humanismo verdadeiro, não é dizer-se descomprometidamente dialógico; é vivenciar o diálogo. Ser dialógico é não invadir, é não manipular, é não sloganizar. Ser dialógico é empenhar-se na transformação constante da realidade” [...]<sup>22</sup>

Pode ser utópico imaginar uma sociedade onde todos/as se compreendam e que não cause aversão ser diferente por opção ou por destino. No entanto podemos, ao menos, tentar mudar dentro de cada um de nós a atitude com relação a pequenas coisas que estão em nosso dia a dia. A música de Oswaldo Montenegro descrita logo abaixo é ilustrativa dessa possibilidade.

Cada irmão, todo irmão  
De cada credo e cor  
Desperta  
Se cada irmão, se todo irmão  
Sem preconceito de credo e cor  
Despertar  
Ganha clareza e força dos elementos  
A força da chuva, do vento e do sol  
Diz o ditado: "pior cego é aquele  
Que não quer ver a um palmo esse farol"  
Xango, oxossi, ogum, santa bárbara,  
Valei-me com a sua luz!

<sup>20</sup> H.-G. GADAMER apud Scarlatelli, Cleide Cristina da Silva. *A vida à luz do encontro dialógico*. Disponível em <[http://www3.est.edu.br/publicacoes/estudos\\_teologicos/2004\\_et2004-1sccarl.pdf](http://www3.est.edu.br/publicacoes/estudos_teologicos/2004_et2004-1sccarl.pdf)> acesso em 01/03/2010.

<sup>21</sup> FREIRE, Paulo. *Política e educação*. (Coleção Questões de Nossa Época v. 23) São Paulo: Cortez, 2001, p. 13

<sup>22</sup> VALENTE, Ivan. *Paulo Freire Vive! Hoje, dez anos depois...* Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 2007, p.16.

Meu pai oxalá, Jesus fora da cruz  
 O negro no branco do olho  
 A pérola guia  
 E o mundo sem fronteira  
 Como Lennon nos dizia<sup>23</sup>

Dentro de sala de aula o trabalho pode acontecer no sentido de favorecer debates em que a condição humana seja o tema mais importante, na tentativa de construir oportunidades de vivências de liberdade em benefício da compreensão mútua. “*O mundo encurta, o tempo se dilui: o ontem vira agora; o amanhã já está feito. Tudo muito rápido. Debater o que se diz e o que se mostra e como se mostra na televisão me parece algo cada vez mais importante.*”<sup>24</sup>

## **1.2. A cultura nos diz quem somos, de onde viemos e determina para onde vamos**

O que se pode dizer da cultura e do valor que esta tem em nossa sociedade? Nem bem nos apropriamos da cultura já estamos importando as (culturas) dos/as outros/as para nós mesmos. Os adolescentes valorizam muito mais o que vem de fora, do que aquilo que temos. Essa desvalorização está muito ligada ao que a mídia divulga e muito diz respeito aos processos de globalização.

Temos em nossa “cultura” o costume de considerar que bonito é o que vem de fora e não o que temos aqui. Um povo cuja cultura possui em menor valor, fica à mercê de culturas como seu, outras identidades.

Quando abro mão do que meus antepassados deixaram como legado, abro mão também de deixar para o futuro, para os que estão porvir a continuidade do que sempre fomos, tomando por base um ‘vivido idealizado’. A cultura nos diz quem somos, de onde viemos e determina para onde vamos.

No interior das culturas temos a diversidade de crenças e modos de vida, que foram construindo as diversas identidades. Estas, por sua vez, mostram-se em constante evolução. É um movimento permanente de atualização e revisão de valores e conceitos.

Para nós brasileiros a diversidade cultural é um dado de realidade, visto que já somos herdeiros de europeus, africanos, indígenas e outros povos que vieram ajudar a construir nosso país e nossa cultura. Essa miscigenação étnica é fruto da reunião daquilo que originou a construção de nossa religião, culinária, vestuário, política. Assim sendo,

<sup>23</sup> MONTENEGRO, Oswaldo. *Cada irmão (raças e credos)*. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/Oswaldo-montenegro/189329/>> acesso em 09 de março de 2011.

<sup>24</sup> FREIRE. 1996, p.139.

Cultura é uma preocupação contemporânea, bem viva nos tempos atuais. É uma preocupação em entender os muitos caminhos que conduziram os grupos humanos às suas relações presentes e suas perspectivas de futuro. O desenvolvimento da humanidade está marcado por contatos e conflitos entre modos diferentes de organizar a vida social, de se apropriar dos recursos naturais e transformá-los, de conceber a realidade e expressá-la. A história registra com abundância as transformações por que passam as culturas, seja movidas por suas forças internas, seja em consequência desses contatos e conflitos, mais freqüentemente por ambos os motivos. Por isso, ao discutirmos sobre cultura temos sempre em mente a humanidade em toda a sua riqueza e multiplicidade de formas de existência. São complexas as realidades dos agrupamentos humanos e as características que os unem e diferenciam, e a cultura as expressa.<sup>25</sup>

Valorizar a cultura como algo que deva ser cultivado para que haja respeito à diversidade é essencial para que o/a professor/a desenvolva sua prática pedagógica. Isto implica em levar para a sala de aula situações reais aonde se possa promover o debate em prol da compreensão sobre nossas raízes.

O artigo 26 da LDB determina que a base nacional comum deva ser complementada por uma parte diversificada “[...] exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela.”<sup>26</sup> Com relação ao ensino de história do Brasil o mesmo artigo em seu parágrafo 4º diz que “[...] levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especificamente das matrizes indígena, africana e européia.”<sup>27</sup> E a lei 10.639/03 altera o artigo 26, que passa a ser 26A com o seguinte texto:

Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil. § 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.<sup>28</sup>

A garantia legal da abordagem da diversidade cultural no ambiente escolar é um passo importantíssimo para que a História possa ser recontada, desde a educação infantil, até o ensino médio, com a ótica das pessoas e grupos menos favorecidos e que tiveram posição de destaque nos cenários sociais e políticos do país.

<sup>25</sup>SANTOS, José Luiz dos. *O que é Cultura*. Coleção Primeiros Passos. 6.ed. Brasiliense, 1987 Disponível em <[HTTP://pt.scribd.com/doc/6374274/O-Que-e-Cultura-Jose-Luiz-Dos-Santos](http://pt.scribd.com/doc/6374274/O-Que-e-Cultura-Jose-Luiz-Dos-Santos)> Acesso em 09 março, 2011.

<sup>26</sup> CLEIDE, Fátima. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação*. Brasília: Senado Federal, 2009. (p.18)

<sup>27</sup> CLEIDE, 2009, p.18

<sup>28</sup> PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm)> acesso em 22 de dezembro de 2011

O ensino da História, sob a óptica sociointeracionista, aparece como um instrumental valioso para se alcançar uma “leitura” social e política da realidade. Isso significa ir além de um aspecto curricular fechado: é preciso dar ao conteúdo desenvolvido uma perspectiva sócio-histórica e contextualizá-lo de acordo com a realidade dos educandos. Isso só se verifica por meio das interações que a sala de aula permite ao trabalhar com o conceito de cultura.

Na perspectiva sócio-histórica, a interação acontece desde o momento em que a criança nasce estando, assim, mergulhada na cultura pela convivência com seus pares e com adultos. Cabe ao educador ajudá-la a se apropriar dos conteúdos, das crenças e dos valores de sua sociedade.<sup>29</sup>

A interação com o meio social mais próximo é que faz com que os seres humanos construam suas identidades culturais. Desde criança essa interação deve ser exercida e os conceitos mudam à medida que nós, seres humanos, convivemos com os/as outros/as. O ser humano não nasce pronto está em constante adaptação. Reinterpretar as instruções recebidas ao longo da vida é uma tarefa, tanto individual, quanto coletiva, de cada qual, na tentativa de mudar o mundo, começando pelo que é imediato.

Sem postular um determinismo histórico [...] Vygotsky estabelece que o indivíduo interioriza formas de funcionamento psicológico dadas culturalmente, mas, ao tomar posse delas, torna-as suas e as utiliza como instrumentos pessoais de pensamento e ação no mundo.<sup>30</sup>

O/a estudante é quem constrói seu conhecimento, como agente de transformação, mas é essencial que o/a professor/a seja o/a mediador/a nessa construção. Outros adultos são importantes nessa mediação, a aprendizagem não acontece somente na escola, a aprendizagem faz parte da própria vida. “Ninguém escapa da educação. [...] Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. [...]”<sup>31</sup> O espaço escolar deve reproduzir a vida e as relações, deve oportunizar as descobertas que encantam e constroem a identidade de cada indivíduo inserido neste processo.

A diversidade cultural que há no Brasil é um patrimônio muito rico e devemos, como docentes, proceder releituras dessas manifestações com imparcialidade e de maneira interdisciplinar.

<sup>29</sup> NEMI, Ana; MARTINS, João Carlos e ESCANHUELA, Diego Luiz. *Ensino de História e Experiências: o tempo vivido*. São Paulo: FTD, 2009, p. 42.

<sup>30</sup> LA TAILLE; OLIVEIRA; DANTAS apud NEMI; MARTINS e ESCANHUELA, 2009, p. 48.

<sup>31</sup> BRANDÃO apud NEMI; MARTINS e ESCANHUELA, 2009, p. 49.

Não cabe ao professor fornecer conhecimento pronto para ser consumido mecanicamente pelos alunos. A ele cabe incentivar a curiosidade dos alunos para que adquiram um bom instrumental de análise histórico-social e ampliem sua visão de mundo. Mas é bom lembrar que ninguém amplia a visão de mundo do outro sem ampliar primeiro a sua, sem conhecer a dimensão humana, técnica e político-social de sua profissão, sem conhecer o contexto dinâmico e plural em que atua. [...] Ele só construirá o saber com seus alunos se conhecer sua própria realidade e conquistar sua identidade<sup>32</sup>

A cultura como algo dinâmico não deve ser ensinada apenas, mas deve ser vivida e, num país tão grande como o nosso, não existe uma cultura melhor que outra, existem diversidades e riquezas, que ainda não dominamos.

A escola, enquanto tal, é responsável pela concretização real/ideal da missão educativa e a interação entre todos/as que fazem parte da escola é que faz a riqueza, em termos de possibilidade descoberta de outros mundos.

Aliás, a atividade de planejar, sem que se esteja atento aos seus significados ideológicos, é um modo – entre muitíssimos outros – de resguardar o modelo de sociedade ao qual serve esse planejamento. Ou seja, é uma forma de escamotear a realidade, por não a questionar [...]<sup>33</sup>

Por meio da valorização cultural as pessoas têm condições de fazer uma identificação mais positiva de seus valores originais e se apropriam, igualmente, dos costumes locais.

O corpo em seu movimento cotidiano, através de diversas linguagens, anuncia seus desejos e sentidos. Criando cultura, cultivando projetos e sonhando horizontes, proclama a vida com dignidade. A cultura, por sua vez, compreendida como uma construção social significativa para os seres humanos a partir de suas relações exige que se considere a diversidade e pluralidade como marca fundamental. Os distintos grupos sociais que compõem a sociedade não desejam sua organização de modo predominante em que, muitas vezes, está construída. O modo dominante de organização da vida não representa a única e imutável forma de pensar o mundo. O movimento de resistência, de contra-corrente à lógica dominante é, também, uma das marcas da experiência humana no mundo.<sup>34</sup>

Abro um parêntese nas reflexões ensejadas, como forma de relembrar a história de um índio americano que foi convidado a ser educado em escolas de branco.

Há muitos anos nos Estados Unidos, Virgínia e Maryland assinaram um tratado de paz com os índios das Seis Nações. Ora, como as promessas e os símbolos da educação sempre foram muito adequados a momentos solenes como aquele, logo depois os seus governantes mandaram cartas aos índios para que enviassem alguns de seus jovens às escolas dos brancos. Os chefes responderam agradecendo e

<sup>32</sup> NEMI; MARTINS e ESCANHUELA, 2009, p. 89

<sup>33</sup> LUCKESI apud NEMI; MARTINS e ESCANHUELA, 2009, p.125

<sup>34</sup> MUSSKOPF, André S.; STRÖHER, Marga J. (org.). *Corporeidade, etnia e masculinidade: Reflexões do I Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: Sinodal, 2005, p. 48.

recusando. A carta acabou conhecida porque alguns anos mais tarde Benjamin Franklin adotou o costume de divulgá-la aqui e ali. Eis o trecho que nos interessa:

Nós estamos convencidos, portanto, que os senhores desejam o bem para nós e agradecemos de todo o coração.

Mas aqueles que são sábios reconhecem que diferentes nações tem concepções diferentes das coisas e, sendo assim, os senhores não ficarão ofendidos ao saber que a vossa idéia de educação não é a mesma que a nossa.

[...] Muitos dos nossos bravos guerreiros foram formados nas escolas do Norte e aprenderam toda a vossa ciência. Mas, quando eles voltaram para nós, eles eram maus corredores, ignorantes da vida da floresta e incapazes de construir uma cabana, e falavam a nossa língua muito mal. Eles eram, portanto, totalmente inúteis. Não serviam como guerreiros, como caçadores ou como conselheiros.

Ficamos extremamente agradecidos pela oferta e, embora não possamos aceitá-la, para mostrar a nossa gratidão oferecemos aos nobres senhores da Virgínia que enviem alguns dos seus jovens, que lhe ensinaremos tudo o que sabemos e faremos deles homens.<sup>35</sup>

Dentre nossos grandes desafios para a Educação, localiza-se, certamente, o respeito às diferenças que aparecem na escola, objetivando o/a professor/a assumir seu papel de agente formador e intermediador de saberes e conhecimentos, respeitando o/a estudante e proporcionando a cada um/a a possibilidade de se reconhecer como participativo-ativo do processo educacional, sem impor sua maneira de ver o mundo.

### **1.3. Compreender e oferecer dignidade na forma de trabalhar com o/a aluno/a**

A cada dia os cenários da Educação nos mostram que devem ser vencidos inúmeros obstáculos para que a mesma possa acontecer, de maneira plena: salas de aula sem estrutura e espaço físico insuficiente para o número de estudantes, escolas sucateadas e sem adaptações necessárias, merenda sem qualidade, falta de profissionais, etc.

Fala-se em formação continuada de professores/as para se ter maior qualidade na Educação, porém o que normalmente acontece é que a procura por cursos dessa natureza tem por motivação primeira ascensão na carreira, melhorias salariais, escolha de melhores turmas, etc.

Toda essa formação não se reflete em um trabalho de melhor qualidade para os/as estudantes. Muitos dos/as professores/as que estão em sala de aula permanecem como tal por falta de oportunidade em outras profissões. Ou seja, o interesse em realizar uma Educação de

---

<sup>35</sup> BRANDÃO, Carlos R. *o que é educação?* São Paulo: Brasiliense, 1982. p. 7-9

qualidade fica para poucos professores/as, os que assumem a profissão por acreditarem que podem fazer algo melhor pelo/as estudantes.

A construção de escolas de boa qualidade e inclusivas para todos deve, dessa forma, necessariamente envolver o desenvolvimento de políticas escolares de aprimoramento profissional docente, com vistas a prepará-los pedagogicamente para trabalhar com a pluralidade sócio-cognitiva e experiencial dos estudantes, por meio de enriquecimento de conteúdos curriculares que promovam a igualdade, a convivência pacífica, a aprendizagem mútua, a tolerância e a justiça social.<sup>36</sup>

A preocupação com a qualidade na Educação é mais do que focar num ensino de conteúdos. Ela será efetiva quando as escolas estiverem preparadas estruturalmente para receber as diversidades que surgem e humanamente para compreender e oferecer dignidade na forma de trabalhar com os/as estudantes na ótica de que os mesmos possam assumir seus papéis de cidadãos críticos e criativos na sociedade.

Viver numa sociedade injusta não deve ser o objetivo comum, a intolerância ao preconceito deve ser “aprendida” na escola, através da convivência múltipla que esta pode oferecer.

Se as diferentes presenças forem asseguradas aumenta a potencialidade da escola para a construção de uma sociedade mais igualitária, sem preconceito nem discriminação ou outras formas correlatas de intolerância.

A escola pode perpetuar preconceitos, mas também pode desconstruí-los. Esta é uma tarefa para os/as gestores/as e educadores/as comprometidos/as com os direitos humanos.

O silêncio da escola sobre as dinâmicas das relações sociais no plano da raça e do gênero permite que seja transmitida aos (as) alunos (as) uma pretensa superioridade branca e dos homens. Valho-me de considerações feitas a propósito da diversidade étnico-racial na educação para extendê-las às outras diversidades.<sup>37</sup>

O Brasil é signatário de uma série de tratados que objetivam a proteção dos direitos humanos. Busca-se, em síntese, construir uma sociedade que seja tolerante e que aceite que o ser humano é único e especial seja qual for sua condição, seja qual for sua fé, sua ascendência, sua classe social.

Apesar disso, socialmente falando, deve-se quebrar alguns (e não são poucos) paradigmas que estão sedimentados na maneira que as pessoas encaram homossexualidade e religião, por exemplo. No âmbito político, falta vontade individual e coletiva de se fazer cumprir as leis que já existem.

<sup>36</sup> MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO: *III Seminário Nacional de Formação de Gestores e Educadores: Ensaios Pedagógicos. Educação Inclusiva: direito à diversidade*. Brasília- DF, 2006, p.319.

<sup>37</sup> MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2006, p.250.

O/a professor/a é uma figura importante para a disseminação das ideias inclusivas. Representa um trabalho de formiguinha, que poderá ser realizado através do que o/a estudante vivencia na escola com a intermediação do professor e a convivência com os que são diferentes dele. Nesse sentido, o/a professor/a

[...] aprende a reconhecer o valor e a importância do trabalho colaborativo e da troca de experiências com seus colegas professor (a)s, os quais podem contribuir de forma sistemática sobre novas formas de ensinar, de lidar com ‘velhos’ problemas e de se desenvolver profissionalmente.<sup>38</sup>

Como o Autor acima menciona, na aprendizagem com o trabalho colaborativo é que a vida acontece: relacionar-se com os colegas, com os alunos, reconhecer que todo dia é uma possibilidade de aprendizagem e de que sua formação é mais do que formal, é humana e acontece com a ajuda do outro.

Procurar a construção da identidade pessoal e profissional é uma tarefa que necessita esforço e não acontece sem o resgate da história pessoal e coletiva. “[...] O problema é que muitas vezes, no desenvolvimento de nosso trabalho docente, reproduzimos mecanicamente concepções excludentes, reducionistas, quando não preconceituosas, do processo de formação de identidade nacional no Brasil.”<sup>39</sup>

Talvez a maior barreira a ser vencida seja justamente a de recompor os cenários de formação de nossa identidade nacional, que sempre foi comprometida pelos entraves dos fantasmas da ‘lei de Gerson’, do levar vantagem, acima de qualquer coisa.

O que precisamos é de uma sociedade que seja forte o suficiente para se compreender enquanto seres humanos, que se organize criticamente para defender seus direitos, que tenha possibilidade de argumentar de forma inteligente para garantir direitos e mostrar sua condição de proclamar que cultural e socialmente tem condições de conquistar qualidade na vida e nas relações. “[...] A identidade cultural de um país é resultado das condições estruturais que estão presentes tanto no solo histórico que sua gente palmilha, quanto nos embates sociais que produz na cotidianidade. [...]”<sup>40</sup>

<sup>38</sup> FERREIRA, Windyz. *Brazão: Educar na diversidade: Práticas educacionais inclusivas na sala de aula regular*. Disponível em < HTTP// www.grupo25.org.br/.../4Encontro-WindyFerreira-Educarnadiversidade-ensaiospedagogicos.doc. Acesso em 19 de março de 2011.

<sup>39</sup> BAUER, Carlos et al. *Políticas Educacionais e Discursos Pedagógicos*. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.p. 18

<sup>40</sup> BAUER, Carlos et al.p. 31-32

Não há possibilidade de se falar em identidade nacional sem que as dificuldades que o povo enfrenta sejam superadas.

[...] Isso nos permite dizer que a possibilidade de construção de uma identidade nacional plural, comprometida com a justiça social, de orientação democrática e socialista, é factível e encontra-se totalmente em aberto no Brasil.<sup>41</sup>

O Autor considera, ainda, que o/a professor/a, em suas reflexões de cunho ideológico e em suas ações pedagógicas,

[...] possa também assumir um compromisso com as classes trabalhadoras em sua luta cotidiana contra as difíceis condições que lhe foram impostas pelas elites brasileiras, dentre outras formas, principalmente: denunciando, criticando e buscando, na cotidianidade de sua práxis educacional, que se quer consciente, crítica, politicamente mobilizadora, capaz de transformar tanto os símbolos com que se representa e ao seu mundo, quanto a sua própria e dura realidade material. [...]<sup>42</sup>

É fundamental que se possa, enquanto professor/a, utilizar o papel de agente transformador da realidade para conseguir aproximação com a comunidade, numa atitude honesta e sincera de consciência de modificação, buscando que aconteçam rompimentos com estigmas que sejam prejudiciais ao bem comum. Cortella cita o seguinte provérbio chinês sobre o assunto:

Quando dois homens vêm andando na estrada, cada um carregando um pão, e trocam os pães quando se encontram, cada um vai embora com um pão. Mas, quando dois homens vêm andando na estrada, cada um com uma idéia, e ao se cruzarem trocam as idéias, cada um vai embora com duas idéias.<sup>43</sup>

Sendo assim pode-se afirmar que uma sociedade não pode ficar tentando conquistar exclusivamente maneiras solitárias de viver, pois todos fazem parte de algo maior, cuja necessidade de interação, diálogo e partilha é vital. Ter a companhia do/a outro/a ou “*cum, pan, ia, que significa ‘vão com o mesmo pão’*”, *compartilhar de idéias, “repartir o pão”*<sup>44</sup>

---

<sup>41</sup> BAUER, Carlos et al p. 33

<sup>42</sup> BAUER, Carlos et al p.33- 34

<sup>43</sup> CORTELLA, Mario Sergio. *Qual é a tua obra?: Inquietações propositivas sobre gestão, liderança e ética*. Petrópolis: Vozes.2007. p. 101.

<sup>44</sup> CORTELLA. 2009 p. 93.

## 2. CENÁRIOS DOS DESAFIOS TEOLÓGICOS

Pensar a diversidade como algo emergente no século XXI, significa admitir que devemos dar passos além, do que nossos antecessores o fizeram. Atualmente muitas pessoas defendem (ou dizem defender!) os oprimidos da sociedade na figura de negros, mulheres, homossexuais, indígenas, no entanto é perceptível que o sentido de defesa aí estabelecido pode ter outras motivações, tais como de promoção pessoal para quem defende, do que para o que precisa de defesa.

Deve-se abrir os olhos para as falácias, as demagogias do modismo. Para serem politicamente correto muitos sustentam seus discursos sobre diversidade ou inclusão. A obviedade de que a humanidade caminha para a necessidade de respeito ao próximo, vem de tempos bem anteriores.

Evidências arqueológicas nos fazem concluir que no Egito Antigo, há mais de cinco mil anos, a pessoa com deficiência integrava-se nas diferentes e hierarquizadas classes sociais (faraó, nobres, altos funcionários, artesãos, agricultores, escravos). A arte egípcia, os afrescos, os papiros, os túmulos e as múmias estão repletos dessas revelações. Os estudos acadêmicos baseados em restos biológicos, de mais ou menos 4.500 a.C., ressaltam que as pessoas com nanismo não tinham qualquer impedimento físico para as suas ocupações e ofícios, principalmente de dançarinos e músicos.<sup>45</sup>

É claro que a realidade citada acima não era geral para a época, mas é uma evidência de que a diferença ou a limitação física não era, ao menos naquele contexto, fator que motivasse a exclusão. No entanto, os relatos históricos de desrespeito ao ser humano motivados pelas suas diferenças sempre foram em maior concentração e bem mais apavorantes do que nossa imaginação poderia supor.

Isto citando épocas em que a suposta “civilidade” não era como a de agora, no entanto, talvez nos assuste mais o que ocorra agora, em pleno século XXI, do que o que ocorria, por exemplo, na antiguidade, com relatos de eliminação de seres humanos pelas suas limitações, o que representava castigo de Deus ou um fardo para ser carregado.

Na atualidade vive-se com o moderno, com progresso das ideias e das relações, mas inacreditavelmente as atitudes não mudam ou por vezes as exclusões ficam mais refinadas.

---

<sup>45</sup> GUGEL, Maria Aparecida. *A pessoa com deficiência e sua relação com a história da humanidade*. Disponível em < [http://www.ampid.org.br/Artigos/PD\\_Historia.php](http://www.ampid.org.br/Artigos/PD_Historia.php) > acesso em 25 de mar.2011.

Com tudo que a humanidade evoluiu ainda é possível se deparar com pessoas arrogantes, que se consideram mais importantes pelo que detém de poder ou de bens materiais.

Gente arrogante é gente que acha que ela é o único tipo de ser humano válido que existe. Gente arrogante se relaciona com o outro – conta do dinheiro que carrega, por conta do nível de escolaridade, por conta do sotaque que usa – como se o outro não fosse outro. Fosse menos.<sup>46</sup>

No que diz respeito à diversidade sexual, por exemplo, muitos estudos são feitos sobre a palavra da Bíblia procurando provar a existência e a aceitação da homossexualidade como algo inerente da condição humana. Mesmo assim, ainda hoje, é possível ouvir na mídia reportagens que falam da intolerância com relação aos relacionamentos gays.

A prática do amor entre pessoas do mesmo gênero, porém, é muito mais antiga que a própria Bíblia. Há documentos egípcios de 500 anos antes de Abraão, que revelam práticas homossexuais não somente entre os homens, mas também entre Deuses Horus e Seth. Segundo o poeta e escritor Goethe, "a homossexualidade é tão antiga quanto a humanidade". Certamente, cada tempo com sua experiência singular, mas com o mesmo direcionar de desejo: o igual.<sup>47</sup>

É interessante verificar como algumas pessoas, por mais modernas e estudadas que sejam, alimentam preconceitos quanto ao estilo de vida das outras pessoas. A intolerância causa atitudes estúpidas e justifica o julgamento e a condenação moral.

Muitos se dizem tão cristãos e se escondem atrás de suas religiões para condenar os/as outros/as e se consideram salvos e herdeiros do “reino de Deus”, se apropriando do direito de expulsar de lá quem por eles já foi julgado e condenado.

Não posso afirmar se as ideias de quem pesquisa e defende a homossexualidade sejam verdadeiras ou falsas, mas também não posso me esquivar de considerar que todos merecem respeito e que cada ser humano tem que responder por seus próprios atos.

O Eclesiastes ensina: "É melhor viverem dois homens juntos do que separados. Se os dois dormirem juntos na mesma cama se aquecerão melhor" (4:11). Num país quente como a Judéia, o interesse em dormir junto só podia ser mesmo erótico. Portanto, na teoria o Levítico era uma coisa e a prática, desde os tempos bíblicos, parece ter sido outra. "Deus nos fez ministros da nova aliança, não a da letra e sim a do Espírito. Porque a letra mata, mas o Espírito vivifica." (II Coríntios, 3:6)<sup>48</sup>

---

<sup>46</sup> CORTELLA. 2009. P.117

<sup>47</sup> *O que todo cristão deve saber sobre homossexualidade*. Disponível em< [HTTP://ggb.org/cristao.html](http://ggb.org/cristao.html)> acesso em 25 de mar. De 2011.

<sup>48</sup> *O que todo cristão [...]*

Caberia aqui destacar alguns argumentos que tentam interpretar passagens bíblicas com relação a questão da homossexualidade.

O maior argumento para se comprovar que as Escrituras Sagradas não condenam o amor entre pessoas do mesmo gênero, é o fato de Jesus Cristo nunca ter falado nenhuma palavra contra os homossexuais! Se o "homossexualismo" fosse uma coisa tão abominável, certamente o Filho de Deus teria incluído esse tema em sua mensagem. O que Jesus condenou, sim, foi a dureza de coração, a intolerância dos fariseus hipócritas, a crueldade daqueles que dizem Senhor, Senhor!, mas esquecem da caridade e do respeito aos outros (Mateus, 7:21). E foi o próprio Messias quem deu o exemplo de tolerância em relação aos "desviados", andando e comendo com prostitutas, pecadores e publicanos. E tem mais: Jesus Cristo mostrou-se particularmente aberto à homossexualidade, revelando carinhosa predileção por João Evangelista, "o discípulo que Jesus amava", o qual, na última Ceia, esteve delicadamente recostado no peito do Divino Mestre. Há teólogos que chegam a sugerir que Jesus era homossexual, pois além de nunca ter condenado o homoerotismo, conviveu predominantemente com companheiros do seu próprio gênero, manifestou particular predileção pelo adolescente João e nunca se casou, além de revelar muita sensibilidade com as crianças e com os lírios do campo, comportamentos muito mais comuns entre homossexuais do que entre machões. O ensinamento do discípulo que Jesus amava não podia ser mais claro: "Filhinhos, amemo-nos uns aos outros, porque o amor vem de Deus e tudo o que é amor é nascido de Deus e conhece a Deus" (I João, 4:4).<sup>49</sup>

Na verdade é, pois, em face da exclusão que se faz presente dentro e fora de boa parte das igrejas e também da sociedade, que os grupos homossexuais se mobilizam para exercer sua religiosidade e procuram provar que não são indignos do convívio social.

O que permanece como pano de fundo na realidade é a difícil aceitação de que passagens da Bíblia tragam um teor homossexual. Tem outro fator, que no meu ponto de vista determina a aceitação homossexual, é o fator "condição social". A hipocrisia das pessoas com relação à condição social chega a cegar para qualquer comportamento que estas venham a ter na sociedade.

Quando se tem dinheiro e posição social de destaque ser homossexual, lésbica ou bissexual não incomoda, na verdade é estilo de vida. Faz parecer com a história infantil que fala de um rei que desfilava com trajes muito bonitos para ser elogiado:

#### A ROUPA NOVA DO REI

Era uma vez um rei muito rico. Ele era vaidoso, convencido e só pensava em roupas luxuosas. Não se preocupava com seu povo e só saía do palácio para mostrar suas roupas novas. Tinha um traje para cada hora do dia.

Um dia, sabendo disso, dois trapaceiros resolveram ir até o palácio para enganar o rei. Ao chegarem diante dele, abriram uma mala vazia e de lá fingiram tirar um

---

<sup>49</sup>*O que todo cristão [...]*

tecido maravilhoso, dizendo que só as pessoas inteligentes e espertas conseguiam vê-lo.

As pessoas que presenciavam a cena, para não passar por bobas, fingiam ver o tecido e exclamavam:

-Que lindo! Que fantástico – diziam todos.

E o rei, para provar que era esperto, também elogiava o tecido que não existia:

- Que beleza! Que brilho! Que cores!

Como, dias depois haveria um grande desfile público, o rei encomendou ao alfaiate uma roupa feita com o tal “tecido lindíssimo”. [...]

No dia da festa, os camareiros ajudaram o rei a vestir a roupa, que não existia, e saíram andando com as mãos no ar como se erguessem, o manto, que não existia, e o rei saiu para as ruas... Pelado!

As pessoas na rua elogiavam a elegância do rei como se estivessem vendo a roupa sensacional.

Mas uma criança que estava no meio do povo não se conteve e começou a gritar:

- O rei está nu! O rei está nu!

As pessoas a sua volta pediam que se calasse, mas a criança continuava:

- O rei está nu! O rei está nu!

Então todos perceberam que tinham sido enganados e que o rei estava, de fato, nu.

E o rei? Saiu correndo muito envergonhado, segurando o manto que nunca tinha existido<sup>50</sup>

É assim que se vive na sociedade, exercendo a hipocrisia ao invés da cidadania, garantindo vantagens individuais, falando e até mesmo pensando o que todos pensam para ser considerado inteligente e importante diante de quem se quer agradar, como conveniência.

É necessário que cada qual seja um pouco como a criança do conto e assuma seu ponto de vista diante da sociedade e modificando suas atitudes com relação a preconceitos que não contribuem em nada para a construção de uma sociedade mais justa e diversa.

A existência humana viaja em direção às coisas para ocupar-se com elas, para estar junto a elas. Nas ocupações damos à realidade a forma de *mundo*. Este, qual tapete mágico, se distende diante de nós num conjunto instrumental, num sistema de saber imediatamente usável. No manuseio do mundo, nos tornamos habitantes que moram na beleza de sua serventia, no delírio de sua utilidade, na dor e no prazer de seu uso, na fruição de seu sentido<sup>51</sup>

O Autor citado dispõe sobre o convívio com o outro, colocando a convivência e o encontro com o/a outro/a como sendo primordial, mas alerta sobre as relações sem qualidade, afirmando que de qualquer maneira, a relação ocorra o/a “outro/a” sempre será objeto de partilha “[...] O ser um pelo outro, o ser um contra o outro, o descuido mútuo, a indiferença...

<sup>50</sup> *A roupa nova do rei*. Disponível em: < <http://bureaudarita.blogspot.com/2011/03/trabalhando-sinais-de-pontuacao-partir.html> > acesso em 04 de abr. de 2011.

<sup>51</sup> BUZZI, Arcângelo R. *Filosofia para Principiantes: A existência-humana-no-mundo*. 11 ed. Petrópolis: vozes, 2000. p.40.

são um fadigoso estar junto... Todos estamos na partilha um do outro, bem ou mal sucedidos, sorteados ou malogrados, satisfeitos ou insatisfeitos.”<sup>52</sup>

Quando Jesus veio ao mundo para estar como humano entre os humanos, praticou a tolerância e o cuidado com o/a outro/a. Este cuidado está diariamente em nossas vidas, seja no trabalho vivendo a profissão, seja na família percebendo as necessidades de filhos, de pais, de irmãos, de amigos, seja na natureza, praticando a preservação do meio ambiente. “É o *cuidado* que vincula as ocupações e as preocupações às coisas e às pessoas. O estar junto é sempre obra do cuidado que se compadece do humano, seja ele ‘meu’, ‘teu’ ou ‘seu’<sup>53</sup>.

O ser humano precisa estar em harmonia com o mundo e com as outras pessoas, a necessidade de estabelecer contato é vital e viver o mundo em toda a sua plenitude faz de cada um participante da realidade dos/as outros/as.

Respeito e cooperação para viver no mundo se revertem em amor pela natureza e como parte desta natureza também inclui os seres humanos, com todas as suas características que são tão peculiares em sua diversidade.

É muito complicado amar incondicionalmente, amar o/a outro/a apesar de seus defeitos, apesar de suas ofensas. Amar como Jesus propôs seria esta alternativa para a tolerância que tanto se faz necessária nas relações e que muito ajudaria na eliminação do preconceito e da indiferença. “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu a seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.”<sup>54</sup>

## 2.1 A cidadania para além da diversidade de gênero

O fator gênero não deve ser preponderante para atuação e aceitação social das pessoas. Independentemente do gênero ou da opção sexual de cada um, existe o ser humano que está na sociedade e nada deveria ser entrave para a aceitação deste.

O conceito de gênero diz respeito ao conjunto das representações sociais e culturais elaboradas a partir da diferença biológica dos sexos. Enquanto o sexo diz respeito ao atributo anatômico, no conceito de gênero se toma o desenvolvimento das noções de "masculino" e "feminino" como construção social.<sup>55</sup>

<sup>52</sup> Buzzi, 2000, p.41

<sup>53</sup> Buzzi, 2000. p. 42

<sup>54</sup> João 3:16

<sup>55</sup> GOTTFRIED, Lou. *Gênero e Diversidade*. Disponível em:<<http://www.revistaladoa.com.br/website/artigo.asp?cod=1592&idi=1&moe=84&id=4176>> acesso em 25 de mar. De 2011.

Nesta perspectiva de diversidade de gênero não se pode deixar de fora a questão da mulher, num mundo historicamente machista, não é difícil verificar o quanto ser mulher dificulta potencialmente a vida daquela que pretende ser independente, se realizar na carreira, exercer função de mando na sociedade ou na empresa que trabalha. A hipocrisia e a falta de credibilidade na competência feminina é recorrente e muitas histórias de assédio moral e sexual são vividas,

Confunde-se o assédio sexual, assim como o moral, com um modismo. Também em relação a ele a prática não é nova, a novidade é a busca de discussão, de punição, de criminalização. À medida que as sociedades se democratizam, os indivíduos, aliados ao maior acesso à informação, ficam mais conscientes de seu papel como cidadãos, tornando mais difícil a convivência com práticas repressivas e autoritárias. O direito de recorrer de uma decisão ou prática injusta, ou considerada injusta, é garantido em quase todas as sociedades modernas<sup>56</sup>

Nem sempre a mulher tem coragem de denunciar, fica recolhida em sua fragilidade física. O desrespeito à mulher não é uma situação inerente ao campo profissional, também dentro de casa existe, em muitas famílias, as relações de incompreensão e desrespeito que sujeitam a mulher a uma compreensão deturpada de sua dignidade.

A violência perversa exercida contra o cônjuge é, frequentemente, negada ou banalizada, reduzida a uma simples relação de dominação. A simplificação psicanalítica consiste em fazer do outro um cúmplice ou mesmo o responsável pela troca perversa, negando a dimensão de dominação ou ascendência, que paralisa a vítima e a impede de defender-se. Trata-se de mantê-la na dependência, frustrá-la permanentemente e impedi-la de pensar no processo a fim de tomar consciência dele; para tornar-se crível, é preciso desqualificar o outro e empurrá-lo a um comportamento repreensível.<sup>57</sup>

A inserção da mulher em espaços dominados pelo homem causa neste a necessidade de colocar à prova a competência e a resistência dela com relação ao que é considerado um mundo masculino.

A maior participação da mulher no mercado profissional e a maior liberalização dos costumes provocaram uma reviravolta nos domínios anteriormente masculinos, especialmente nos locais de trabalho. Há bem pouco tempo, a mulher que trabalhava fora do lar era considerada uma séria candidata a “vadia”, pois a moral da época interpretava que, para a mulher vencer uma seleção ou merecer uma promoção, era condição *sine qua non* ter de se submeter ao famoso “teste do sofá”. Quanto mais uma mulher era bem sucedida no trabalho, mais era mal vista e caluniada. As mães eram contra a vontade de suas filhas de trabalharem fora, os pais se sentiam

<sup>56</sup> FREITAS, Maria Ester de. *Assédio moral e assédio sexual: faces do poder perverso nas organizações*. 2001. Disponível em: < [HTTP://www16.fgv.br/rae/artigos/1033.pdf](http://www16.fgv.br/rae/artigos/1033.pdf) > p. 13 acesso em 25 de mar. De 2011

<sup>57</sup> FREITAS, 2001 p. 10.

ofendidos, os possíveis maridos ficavam assustados com a imagem e os comentários que os amigos faziam sobre as suas “noivinhas”.<sup>58</sup>

É difícil considerar como aceitável o que vem para sacudir as estruturas tão sedimentadas através dos tempos. Afora isso, é impressionante como as regras estabelecidas como corretas, por uns poucos, passam a vigorar e determinar a vida de tantos. Quebrar estas estruturas é sempre doloroso e mexe profundamente com o imaginário social!

A sensação que se tem é de que quanto mais a mulher assume funções na sociedade mais punida é por querer conquistar o que não é “naturalmente” determinado para ela. Afora isso, o peso de toda desestrutura que acontece em casa termina sendo culpa de sua ausência por causa do trabalho e este pensamento ainda é dominante na sociedade.

Se a mulher é bem sucedida fora de casa é porque o casamento desmoronou, ou porque os filhos estão negligenciados, ou porque sua opção foi de nunca construir uma família para si, ou é lésbica não assumida... Enfim, são muitas as culpas que temos que carregar, ou deixar de lado a realização de qualquer sonho profissional para construir o que é considerado a vida feminina perfeita: mãe e esposa... Só!

As mulheres sofrem mais do que os homens com o estresse de uma carreira, pois as pressões do trabalho fora de casa se duplicaram. As mulheres dedicam-se tanto ao trabalho quanto o homem e, quando voltam para casa, instintivamente dedicam-se com a mesma intensidade ao trabalho doméstico. Embora alguns homens ajudem em casa, não chegam nem perto da energia que a mulher tende a dar.<sup>59</sup>

Embora se reconheça o valor da mão de obra feminina, ainda é possível verificar que a remuneração feminina é inferior aos salários pagos para homens. A mulher ocupa funções antes dominadas pelos homens, mas tem que lidar com discriminações. A luta da mulher para garantir seus direitos na sociedade e na vida como um ser merecedor de respeito e dignidade é diária e mesmo com tanta modernidade o mundo continua machista.

A violência contra a mulher é notícia constante, pois há ainda quem se considera proprietário da vida de suas mulheres. “Na esfera jurídica, violência significa uma espécie de

---

<sup>58</sup> FREITAS, 2001 p. 13

<sup>59</sup>PROBST, Elisiana Renata. *A evolução da Mulher no mercado de trabalho*. Disponível em< <http://www.icpg.com.br/artigos/rev02-05.pdf>> acesso em 04 de abr. de 2011.

coação, ou forma de constrangimento, posto em prática para vencer a capacidade de resistência de outrem, ou a levar a executá-lo, mesmo contra a sua vontade”<sup>60</sup>.

Ao longo da história é possível constatar as várias barbáries que a mulher vem sofrendo ao ser considerada como uma pessoa sem inteligência, sem poder de decisão da própria vida.

A violência é uma forma de desqualificar e intimidar a independência, não só a violência física que deixa cicatrizes visíveis e causa dores físicas, mas a violência moral, que é velada nas atitudes, no desprezo, na falta de reconhecimento, no abandono afetivo. Quantas mulheres se encontram em situação de vício, de prostituição, de marginalidade por não ter contado com apoio essencial para construção de suas próprias vidas.

Enfim, o conceito de gênero é, antes de tudo, uma construção histórica e social, cujas referências partem das representações sociais e culturais construídas a partir da diferença biológica de sexo. Se partirmos dessa premissa, podemos concluir que: se levarmos em conta que o feminino e o masculino são determinados pela cultura e pela sociedade, as diferenças que se transformaram em desigualdades são, portanto, passíveis de mudança.<sup>61</sup>

O fato é que somos todos, parte de uma sociedade, é nela que educamos e somos educados. É necessário que haja união independentemente de sexualidade, para que se consiga construir relações harmônicas, evoluindo para conquistar humanidade e fazer com que todos sejam aceitos conforme suas particularidades. “[...] *Ser humano é ser junto.*[...]”<sup>62</sup>

Há estudos que tentam provar que a mulher teve importância inestimável na vida de Jesus e que Maria de Madalena foi uma discípula além dos doze escolhidos. Na introdução do livro “Jesus e as Mulheres” há algumas passagens explicativas bem pertinentes e que nos levam a pensar nos motivos pelos quais as igrejas não divulgam o verdadeiro papel da mulher na história bíblica.

Quanto ao papel e ao lugar das mulheres nos Evangelhos, a influência da pregação da Igreja nos ordenou expressamente que deveríamos vê-las como ‘servas’, auxiliares e ‘ajudantes do homem’, de pleno acordo com a definição de Eva, conforme o Gênesis: ‘uma auxiliar que convenha ao homem’. No entanto, os próprios Evangelhos nos ensinavam que, morto e ressuscitado, Jesus apareceu a mulheres, principalmente a Maria de Mágdalena, encarregada de ser sua mensageira junto dos discípulos... Mas nada parecia abalar o estatuto de ‘serva’,

<sup>60</sup> VELLOSO, Renato Ribeiro. *Violência contra a mulher*. Disponível em <<http://www.portaldafamilia.org/artigos/artigo323.shtml>> acesso em 04 de abr. de 2011

<sup>61</sup> GOTTFRIED.

<sup>62</sup> CORTELLA, 2009.p. 117

tradicionalmente atribuído a essas mulheres ‘que o seguiram desde a Galiléia’: convencionou-se que a grande mensagem da ressurreição fora destinada aos Doze, exclusivamente a homens<sup>63</sup>

É possível encontrar dentro de interpretações de textos religiosos uma realidade que sempre se mostrou destorcida. O homem sempre se achou mais inteligente e mais forte, e como tal, detentor de direitos de comandar o mundo, a terra e a natureza. No texto de Gange encontra-se a seguinte citação, que além de reveladora é belíssima:

Pedro não pode suportar a idéia de Marta- e de modo geral as mulheres- faça parte do grupo dos discípulos. Ainda no *Evangelho de Tomé*<sup>64</sup>, ele pede a Jesus que a exclua do grupo dos discípulos, pois afirma: ‘As mulheres não são dignas da vida’. Jesus tenta incansavelmente fazê-lo entender sua mensagem de reconciliação necessária entre as duas metades do humano: ninguém é superior ao outro e o essencial é cada um ‘tornar-se Homem (*Anthropos*)’ no sentido de ser humano completo, capaz de libertar seu pensamento e suas ações do preconceito que aliena, a fim de ter acesso às riquezas ilimitadas do coração, e por conseguinte ao Reino.<sup>65</sup>

Os escritos encontrados no deserto em 1945 foram declarados heréticos no século IV sendo, portanto, ignorados da doutrina oficial<sup>66</sup>. Então, não se considera o valor feminino do divino! Quando Jesus esteve entre os homens tentou ensinar a pureza de alma, a humildade, a não exclusão.

Não é possível que ainda hoje se tenha uma ideia destorcida da imagem e do papel feminino no mundo, não é inteligente pensar que a mulher não seja igual ao homem diante de Deus, das igrejas e da sociedade como um todo.

No Brasil existem leis que, se exercidas, garantem a não discriminação, a não exclusão de qualquer pessoa. O Artigo 3º da Constituição Federal garante isso através dos objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil: “IV – Promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.”<sup>67</sup>

Ainda em relação à garantia de direitos, vale salientar que se faz necessário que mesmo a lei maior do país trazendo em seu texto a promoção de bem estar a todos sem discriminação, à medida que o tempo passa e muitos direitos são ignorados, outras leis vão

<sup>63</sup>GANGE, Françoise. *Jesus e as Mulheres*. Tradução de Lúcia M. Endlich Orth. Petrópolis, RJ:Vozes, 2007. p. 7

<sup>64</sup> Esse evangelho faz parte dos textos encontrados em Nag Hammadi junto com o *Evangelho de Felipe* e o *Evangelho de Maria*. As interpretações de trechos destes evangelhos é o teor do livro de GANGE.

<sup>65</sup> GANGE, 2007, p. 9.

<sup>66</sup> GANGE, 2007, p.8.

<sup>67</sup> CÂMARA DOS DEPUTADOS: *Constituição da República Federativa do Brasil 1988*. 22 ed. Brasília, 2004.

surgindo para tentar frear os vários tipos de violência que acontecem contra a mulher. A lei 11.340, de 07 de agosto de 2006 traz o seguinte texto no artigo 2º, 3º e 4º:

Art. 2º Toda mulher, independentemente de classe, raça, etnia, orientação sexual, renda, cultura, nível educacional, idade e religião, goza dos direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sendo-lhe asseguradas as oportunidades e facilidades para viver sem violência, preservar sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual e social.

Art. 3º Serão asseguradas às mulheres as condições para o exercício efetivo dos direitos à vida, à segurança, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, à moradia, ao acesso à justiça, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária.

§ 1º O poder público desenvolverá políticas que visem garantir os direitos humanos das mulheres no âmbito das relações domésticas e familiares no sentido de resguardá-las de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

§ 2º Cabe à família, à sociedade e ao poder público criar as condições necessárias para o efetivo exercício dos direitos enunciados no caput.

Art. 4º Na interpretação desta Lei, serão considerados os fins sociais a que ela se destina e, especialmente, as condições peculiares das mulheres em situação de violência doméstica e familiar.<sup>68</sup>

## **2.2 A urgência de atitudes éticas para harmonizar as relações**

Lidar com a diversidade no trabalho, na igreja, na família ou onde quer que seja, não é uma tarefa fácil e natural como se pode esperar. Há os desafios lançados sobre a estrutura de nossa formação como ser humano e a educação passada na família e, posteriormente, na escola. Tudo que foi aprendido passa a ser questionado quando se está frente à frente com o inusitado: o/a outro/a. Algumas das perspectivas que foram construídas ao longo de um período são colocadas em xeque. Nesse contexto, surge a urgência de atitudes éticas para harmonizar as relações.

“A ética é, antes de mais nada, a capacidade da vida coletiva. Afinal de contas, nós, homens e mulheres, vivemos juntos. Aliás, para seres humanos, não existe vivência, existe apenas convivência. Nós só somos humanos com outros humanos.[...]”<sup>69</sup>

---

<sup>68</sup> LEI 11.340, DE 07 DE AGOSTO DE 2006. Disponível em

< [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03ato2004-2006/2006/lei/111340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03ato2004-2006/2006/lei/111340.htm)> acesso em 13 de abr. de 2011.

É fácil imaginar trabalhar com o homossexual, com o negro, com a pessoa portadora de necessidade especiais, ou com qualquer outro/a “diferente” de mim, mas o convívio trás embates. Por quê?

Ora, somos seres de relação e de diálogo, temos uma bagagem que estruturou nossas convicções e o/a outro/a também traz isso consigo, eis o grande desafio: se relacionar sem agredir, sem querer modificar o outro, sem duvidar das próprias convicções. Isso é aprendizagem e não há cartilha para o próximo passo, é uma surpresa após outra!

A cidadania pressupõe o desenvolvimento de valores éticos que se objetivam nas seguintes virtudes cívicas: solidariedade, tolerância, justiça e valentia cívica, engendradas na relação da vida pública e da privada.

A legitimidade social destas virtudes significa a constituição de cidadãos que apóiam a construção de um mundo sócio político mais justo, onde a dominação e a submissão sejam superados.<sup>70</sup>

O contato social com as pessoas que formam a sociedade não pode ser pautado nos preconceitos existentes, divulgados e perpetuados. As pessoas precisam exercer o direito que lhes é natural: o de existir sem que sua presença seja motivo de incomodo para o/a outro/a. Ser cidadão com pleno direito de exercer a cidadania deve ser garantido a qualquer pessoa. A ética deve ser construída, essencialmente, por meio do diálogo.

Em termos abrangentes, podemos afirmar que a Ética propõe pelo menos seis condições para o homem ser feliz: a prática das virtudes, um círculo de amigos<sup>71</sup>, boa saúde, suficiência de bens materiais, viver numa sociedade justa e meditação filosófica<sup>72</sup>

Citando Aristóteles, o/a Autor/a mostra a prática da ética baseada em seis condições, quando se refere à “prática das virtudes”. Ele coloca que esta é a maneira de se tornar senhor de suas energias educando seus instintos para conseguir moldar o próprio caráter<sup>73</sup>. Com relação à amizade, Aristóteles afirma que seja impossível ter felicidade quem não tem amigos.

---

<sup>69</sup> CORTELLA. 2009p. 117.

<sup>70</sup> BRAGA, Pérola Melissa Viana. *Envelhecimento ética e cidadania*. Disponível em:< <http://empeende.org.br/pdf/Capital%20%20Cidadania/Envelhecimento%20%C3%A9tica%20e%20cidadania.pdf> > acesso em 04 de abr. de 2011.

<sup>71</sup> Grifo nosso.

<sup>72</sup> PEGORARO, Olinto. *Ética dos maiores mestres Através da História*. 3ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008. P. 45.

<sup>73</sup> PEGORARO. P. 45

Este assunto especificamente foi dos melhores tratados já escrito por ele, o mesmo afirma que “os que querem a seus amigos por eles mesmos, são os autênticos amigos”<sup>74</sup>. Falando sobre a justiça social, Aristóteles garante que esta é essencial uma vez que, sendo o homem “um ser social e político, precisa viver com os outros.”<sup>75</sup>

Não é de hoje que há uma preocupação com a vida em sociedade, com o respeito mútuo. A sociedade deste início de século XXI está deixando de lado o valor da qualidade das relações interpessoais e absorvendo uma cultura volátil, ou seja, não concordo com “meu amigo”: delete da minha página.

O que será que estamos fazendo com relação à Educação de nossos filhos por exemplo. Quais os padrões de respeito que passo em casa? Que aprendizagens tornariam capazes de humanidade verdadeira?

Na ética aristotélica a sabedoria e a prudência, nossas virtudes intelectivas, formam a diferença específica do ser humano, tornando-o uma espécie distinta de todas as outras. Então, no homem, a *physis* deu um fantástico salto qualitativo quando produziu o intelecto que é teórico (sabedoria) e, ao mesmo tempo, prático (prudência); através destas duas energias o homem busca as razões profundas da existência e administra a vida cotidiana.<sup>76</sup>

O que nos faz seres humanos é a convivência que temos com os/as outros/as, se não consigo estabelecer vínculos, não consigo desenvolver minha emoção com relação ao que o/a outro/a tem para oferecer em sua forma diversa de ser e de viver, não importa quão inteligente eu seja, serei solitário.

A vida não é como os remédios, que vêm todos com bulas, explicando as contra-indicações do produto e detalhando a dose em que deve ser consumido. A vida nos é dada sem receita e sem bula. A ética não pode supri totalmente essa deficiência, pois é apenas a crônica dos esforços feitos pelos seres humanos para remediá-la. [...] Tenho minhas opiniões, [...] mas não sou “a ética”. [...] Através de mim, a única coisa que a ética pode lhe dizer é que você busque e pense por si mesmo, em liberdade, sem ardis: responsabilmente. [...] Escolha o que o *abra*: para os outros, para novas experiências, para diversas alegrias. Evite o que o feche e o enterre. [...]<sup>77</sup>

Esta é uma citação muito feliz, pois aconselha cada um a buscar e pensar por si mesmo, ninguém pode viver a vida do/a outro/a. Já ouvi mães lamentarem algumas escolhas

<sup>74</sup> ARISTÓTELES apud PEGORARO, 2008. p. 45

<sup>75</sup> ARISTÓTELES apud PEGORARO, 2008. p. 45

<sup>76</sup> PEGORARO, 2008. p. 49

<sup>77</sup> SAVATAR, 2008. p. 176

de seus/suas filhos/as e erros que estes cometem na vida e comentar que se pudessem passariam por aquela situação no lugar de seus/suas filhos/as. Mas a vida que Deus entregou a cada um/a é única e intransferível e temos de vivê-la com os erros e acertos.

Ética e educação convergem, [...], para um ponto comum: a criação de si mediante progressivos processos de aprendizagem e de subjetivação intersubjetiva. São dimensões intrinsecamente relacionadas e denotam um espaço de criação do humano, um espaço de humanização, numa acepção integral da vida humana, na qual não prepondera o instrumental e o estratégico em detrimento do ético, do estético e do social. Perceber a ética e a educação como processos complementares de criação do humano implica numa ampliação e concretização de conceitos como o de liberdade, de autonomia e de bem viver.

Entendemos que a educação, enquanto processo de humanização, pode contribuir para que os espaços de subjetivação, de constituição de si, sejam ampliados e diversificados, incluído além dos elementos epistemológicos, os elementos éticos e o acesso às experiências de outra ordem, como as estéticas. Desse modo, será facultada às crianças e aos jovens de nossas escolas a possibilidade de percorrerem o caminho da constituição de si de modo auto-afirmativo, inventando um novo eu e buscando identidades pessoais mais condizentes com o momento histórico e social em que vivemos.<sup>78</sup>

Ensinar nas escolas a se relacionar, tanto dentro como fora dela, é uma exigência cada vez mais requisitada, principalmente para as crianças que estão em lares sem outras crianças, convivendo muito mais com adultos e copiando seus ritos e modos de ser e viver.

Alguns comportamentos da vida particular são reproduzidos na forma de educar os/as estudantes, às vezes no olhar, no tom de uma palavra, no gesto... São atitudes simples que revelam o preconceito e a intolerância que devem ser, de todas as maneiras, repudiados e execrados da vida das pessoas.

O papel da educação deve ser de possibilitar que os/as estudantes possam ter identificação com o/a outro/a. A identificação com este outro que é real e não de conto de fadas, de gente perfeita e linda, imagens que são desejadas por quem ainda não tem capacidade de julgamento suficientemente estruturada para perceber a variedade de formas de corpo, de cores de pele, de cabelos, de olhos, modos de falar.

### **2.3. Viver cada fase do desenvolvimento humano em sua totalidade**

---

<sup>78</sup> CASAGRANDE, Cledes Antonio e MEURER, César Fernando. *Ética e educação: reposicionando o problema da formação moral sob a perspectiva da ética do discurso*. Disponível em <[http://w3.ufsm.br/senafe/trabalhos/eixo5/eixo5\\_cledesantoniocasagrande.pdf](http://w3.ufsm.br/senafe/trabalhos/eixo5/eixo5_cledesantoniocasagrande.pdf)> acesso em 14 de abr. de 2011.

Há uma necessidade relevante que se tenha a noção, enquanto educador/a pelo menos, de como se encontra a criança que temos para educar. É imprescindível compreender como abordar vários assuntos em sala de aula, para que efetivamente a criança seja respeitada em seu desenvolvimento intelectual. Hoje as crianças são colocadas em contato com situações que não são próprias para suas idades e tudo é muito precoce!

Freud dizia que há três funções impossíveis por definição: educar, governar, psicanalisar. É que são mais que funções ou profissões. O caráter funcional do ensino leva a reduzir o professor ao funcionário. O caráter profissional do ensino leva a reduzir o professor ao especialista. O ensino deve voltar a ser não apenas uma função, uma especialização, uma profissão, mas também uma tarefa de saúde pública: uma missão. Uma missão de transmissão.<sup>79</sup>

Além do caráter educacional que acontece em sala de aula, o/a professor/a tem uma missão e muitas vezes a Educação oferecida por ele/ela na escola transforma e educa a família dos/as estudantes.

O desafio contemporâneo é permitir que cada fase do desenvolvimento seja vivida em sua totalidade. A bibliografia sobre desenvolvimento humano é vasta, no entanto, parece que queimar etapas está se tornando comum e daqui a pouco voltaremos na história e passaremos a ver a criança como Remí Klein descreve: “na Antiguidade e Idade Média, não havia um autêntico sentido de infância, ou seja, uma consciência da particularidade infantil. O próprio termo latino vem de *in-fans*, que significa sem fala”.<sup>80</sup>

A melhor maneira de educar é convivendo com o real. Para a criança essa convivência pode significar compreender a dimensão que existe nas diferenças e o respeito que se tenta inculcar através da educação.

[...] Entendo estas imagens como uma espécie de *currículo visual*. Entendo estas imagens como uma modalidade pedagógica, que atua em conjunto com outras formas tradicionais de ensinar. Ela é visível em materialidade ostensivamente exposta e atuante, e oculta aquilo que ela ensina no (in) visível: a produção de significados, valores, inclusões e exclusões, desigualdades sociais e relações de poder. As pedagogias da visualidade formulam conhecimentos e saberes que não são ensinados e aprendidos explicitamente, mas que existem, circulam, são aceitos e produzem efeitos de sentido sobre as pessoas<sup>81</sup>.

<sup>79</sup> MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Tradução de Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. Título original: *La tête bien faite*.p. 101.

<sup>80</sup> KLEIN, Remí. Criança. In: BORTOLLETO FILHO, Fernando; SOUZA, José Carlos de; KILPP, Nelson (Orgs.). *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo: ASTE, 2008. p. 214.

<sup>81</sup> DORNELLES, Leni Vieira (org.). *Produzindo Pedagogias Interculturais na Infância* Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.p. 136.

É no respeito às fases do desenvolvimento que precisamos pautar nosso trabalho diário na escola e levar isto para a vida cotidiana, não empurrando nossas crianças à viverem o que ainda não estão preparadas para viver.

Quando a criança demonstra preconceito, com relação a algo que se depara, ela está reproduzindo o que vive, porque nenhuma criança nasce programada para discriminar, isto vai sendo “ensinado” diariamente, na convivência com adultos.

Segundo Vygotsky, o processo de desenvolvimento do pensamento e das funções cognitivas do ser humano e igualmente, o processo de construção do conhecimento acontece a partir do contexto histórico e social, ou seja, do conjunto de fenômenos que ocorrem nas vidas dos sujeitos. O ser humano constitui-se enquanto tal na sua relação com o outro social.<sup>82</sup>

No ato de ensinar acontece um envolvimento muito maior do que se pode supor, visto que o/a professor/a assume o papel de mediador/as das relações e, em cada fase do desenvolvimento, surgem determinadas exigências. Conhecer o desenvolvimento humano mostra-se então imprescindível, pois este é, na verdade, todo ele articulado.

Sobre essa questão os estudos da Psicologia da Educação sugerem três pilares básicos. São eles: afeto, cognição e socialização<sup>83</sup>. Esses pilares nos dão o direcionamento que devemos seguir como orientação para o planejamento do trabalho pedagógico.

Considerando que o ato pedagógico não pode ser mecânico e uniforme, deve-se pensar em todas as características individuais que temos em uma turma de estudantes, a partir desses pilares e, fazendo uso do conhecimento acumulado sobre as fases do desenvolvimento humano.

Para aprofundar melhor este assunto, recorreremos aos trabalhos de dois pensadores Erik Erikson e Jean Piaget.

Erik Homburger Erikson nasceu em Frankfurt em 15 de junho de 1902, morreu em 12 de maio de 1994 em Harwich. Começou sua vida como artista plástico. Foi lecionar em Viena a convite de Anna Freud, filha de Sigmund Freud, sob orientação dela tornou-se psicanalista.

Em 1933 emigrou para os Estados Unidos e naturalizou-se americano. Lecionou nas universidades de Yale, Harvard e Berkeley. Habitou na reserva indígena de Sioux em 1938 (Pine Ridge Reservations) e as investigações com os índios confrontaram-no com o

<sup>82</sup> TAILLE, Yves de La; OLIVEIRA, Marta Kohl de; DANTAS, Heloysa. *Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus, 1992. p. 24.

<sup>83</sup> MADEIRA, Eunice do Vale. *Psicologia do Desenvolvimento e Dificuldades de Aprendizagem mód III: Desenvolvimento Psicossocial*. Universidade Cândido Mendes. Data Brasil, ensino e pesquisa. p. 8.

sentimento de desenraizamento e de ruptura que estes experienciavam entre a história do seu povo e a cultura americana. Esta experiência lhe proporcionou marcante perspectiva social.<sup>84</sup> Preocupou-se com o “estudo da forma como o Ego ou a consciência operam de forma criativa em indivíduos considerados sãos.”<sup>85</sup>

Para Erik Erikson o desenvolvimento humano está organizado em oito fases e, em cada uma delas, há uma crise psicossocial que precisa de ajustamento social, pois o desfecho da crise pode ser negativo ou positivo e dele resulta um ego mais forte e estável ou mais fragilizado. As crises dão nome aos estágios psicossociais que, segundo RABELLO<sup>86</sup> são:

1. Confiança básica X Desconfiança básica
2. Autonomia X Vergonha e Dúvida
3. Iniciativa X Culpa
4. Diligência X Inferioridade
5. Identidade X Confusão de Identidade
6. Intimidade X Isolamento
7. Generatividade X Estagnação
8. Integridade X Desespero

O primeiro estágio, que vai do nascimento até os dezoito meses – confiança básica x desconfiança básica. Este estágio pode ser comparado ao que Freud denominou de estágio oral. Para Erikson, a confiança (ou desconfiança) no mundo e em si mesmo é aprendida no relacionamento do bebê com sua mãe, através de interações sociais e afetivas<sup>87</sup>. Quanto maior a dose de confiança mais o indivíduo vai manifestar otimismo ao longo da vida, no entanto, “uma certa dose de desconfiança também se faz necessária para que se possa definir pessoas e situações realmente receptivas”.<sup>88</sup>

O segundo estágio acontece entre dezoito e trinta meses - autonomia X vergonha e dúvida. Para Freud corresponde ao estágio anal da teoria da sexualidade. Este é o momento em que a criança começa a alcançar condições de deter o controle dos esfíncteres vesical e anal, diurno e noturno. Ela começa a experimentar sua vontade autônoma de controlar suas necessidades<sup>89</sup>. O indicador do sentimento de autonomia será o olhar dela pela aceitação e

<sup>84</sup> Disponível em: < [http://pt.wikipedia.org/wiki/Erik\\_Erikson](http://pt.wikipedia.org/wiki/Erik_Erikson)> acesso em 22 de abr. de 2011.

<sup>85</sup> Disponível em: <http://www.infoped.pt/Serik-erikson> acesso em 22 de abr. de 2011.

<sup>86</sup> ALMEIDA, José Roberto de Sousa : Teoria do desenvolvimento psicossocial de Erick Erikson. Disponível em <<http://www.webartigos.com/articles>> acesso em 18 de ab. De 2011

<sup>87</sup> MADEIRA. P. 16

<sup>88</sup> RAPPAPORT apud MADEIRA. P. 16

<sup>89</sup> MADEIRA. P. 17

afeto a ela dedicado, isto lhe dará um sentimento de dúvida (sobre si mesma e seus pais) ou de vergonha ( que poderá se associar à culpa)

O terceiro estágio, iniciativa X culpa, representa o conflito que corresponde à fase fálica, segundo Freud. Neste momento, a grande contribuição para o desenvolvimento psicossocial será o sentimento de poder confiar na própria capacidade de iniciativa. Este é também, o momento de desenvolver sua identidade sexual, identificando-se com seu progenitor do mesmo sexo copiando aspectos do comportamento adulto. Esta fase acontece entre três e seis anos de idade, aqui acontece uma forte influência dos atores familiares. As experiências dessa fase devem ser vivenciadas de maneira a permitir que segurança e não terem sentimento de culpa por expressarem seus desejos.<sup>90</sup>

O quarto estágio ocorre entre seis e doze anos de idade – diligência x inferioridade. Nesse momento a criança passa pelo conflito que corresponde à latência na Teoria de Freud. Este é um momento em que a preocupação da criança é a competência, fase escolar do ensino fundamental, tentar provar que é melhor, que faz parte de um grupo, ter desenvolvido várias habilidades que lhe darão um sentimento de domínio, o encorajamento é muito importante para que não tenha a sensação oposta de inferioridade.<sup>91</sup>

O quinto estágio, identidade x confusão de identidade, acontece no momento da adolescência, entre doze e dezoito anos de idade. Evidencia-se aí a necessidade de segurança frente a todas as transformações que vive (físicas e psicológicas). Essa segurança depende do que foi construído nas fases anteriores. É, pois, o momento do/a adolescente quer se encaixar em algum papel na sociedade e tentar responder às questões: *sou diferente dos meus pais? O que sou? O que quero ser?*. Daí vem a escolha vocacional, a escolha do grupo que apóia suas idéias, determina suas escolhas para o futuro.

Todo o esforço do/a adolescente em se encaixar na sociedade pode lhe trazer a confusão de identidade, nesta confusão o adolescente pode se sentir vazio e isolado, ansioso e incapaz de fazer parte do mundo do adulto. “Também pode acontecer de o jovem projetar suas tendências em outras pessoas, por ele mesmo não suportar sua identidade. Aliás, este é um dos mecanismos apontados por Erikson como base para a formação de preconceitos e discriminações.”<sup>92</sup> Esta confusão pode ter um bom desfecho, se as crises anteriores tiverem

---

<sup>90</sup> MADEIRA. P. 17-18

<sup>91</sup> MADEIRA P. 18

<sup>92</sup> RABELLO, Elaine e PASSOS José Silveira: *Erikson e a Teoria Psicossocial do Desenvolvimento*. Disponível em: < <http://josesilveira.com/artigos/erikson.pdf>> acesso em 22 de abr. de 2011

sido bem resolvidas, mais possibilidades de conseguir aqui maior estabilidade, conquistando o *senso de identidade contínua*<sup>93</sup>.

No sexto estágio, intimidade x isolamento, tendo construído uma identidade definitiva e fortalecida, o jovem adulto unir-se à identidade de outra pessoa, sem que se sinta ameaçado. “Para que essa associação seja positiva, é preciso que a pessoa tenha construído, ao longo dos ciclos anteriores, um ego forte e autônomo o suficiente para aceitar o convívio com outro ego sem se sentir anulado ou ameaçado”<sup>94</sup>. Quando isso não ocorre a pessoa procura isolar-se para proteger seu ego frágil, quando esta situação se prolonga e a pessoa se recusa a assumir um compromisso pode-se dizer que este é um desfecho negativo para sua crise.

Um risco apontado por Erikson para esta fase é o elitismo, ou seja, quando há formação de grupos exclusivos que são uma forma de narcisismo comunal. Um ego estável é minimamente flexível e consegue se relacionar com um conjunto variável de personalidades diferentes. Quando se forma um grupo fechado, onde se limita muito o tipo de ego com o qual se relaciona, poderemos falar em elitismo.<sup>95</sup>

No sétimo estágio, generatividade x estagnação, que ocorre por volta da meia idade, se faz presente uma fase de preocupação com tudo que se gerou. É um momento rico para a transmissão de valores sociais, no qual se percebe que tudo que se viveu valeu a pena. Surge a necessidade de transmitir ensinamento ajudando na construção da cultura e contribuindo para a evolução da humanidade. Se essa transmissão não ocorre, surge a sensação de que tudo o que aconteceu em sua vida foi inútil. No entanto,

Nesta fase também a pessoa tem um cuidado com a tradição e, por ser “mais velho”, pensa que tem alguma autoridade sobre os mais novos. Quando o indivíduo começa a pensar que pode se utilizar em excesso de sua autoridade, em nome do cuidado, surge o autoritarismo.<sup>96</sup>

Esta generatividade não se dá apenas através do casamento com a relação entre pais e filhos, mas também em outras relações, de acordo com os autores envolvidos nesta fase são diversas as formas de não se cair no marasmo e viver a estagnação descrita por Erikson.

O oitavo estágio, integridade x desespero acontece no momento da velhice. É voltado para a reflexão e a pessoa faz uma retrospectiva de tudo que fez na vida. Pode sentir tristeza

---

<sup>93</sup> RABELLO e PASSOS

<sup>94</sup> RABELLO E PASSOS

<sup>95</sup> RABELLO e PASSOS

<sup>96</sup> RABELLO e PASSOS

por sua vida, pelo que deixou de realizar. Sente a proximidade da morte e a falta de tempo de mudar o que considera errado. Também tem aquela sensação de dever cumprido e não a sensação de nostalgia. Ela possui o sentimento de dignidade e integridade<sup>97</sup>.

As crises existentes em cada fase mostram a necessidade da relação com o/a outro/a. A importância de formar a própria identidade com uma relação identificatória vivida com a figura dos pais, dá o suporte para viver relações fora de casa com pessoas desconhecidas. A ida para a escola, o momento de provar competências diante dos outros/as se agregam os momentos de escolher profissão, determinar o futuro e construir relações amorosas. Evidencia-se, ainda, a estabilidade emocional necessária no momento de criar filhos ou deixar as experiências para os mais novos, filhos ou não. Tudo leva-nos para o desafio de conviver, de aceitar o diverso e manter-se íntegro e estável.

Toda evolução mental caminha no sentido de sair de uma situação de egocentrismo total e inconsciente, característica do recém nascido, para uma percepção muito lenta, porém gradual e contínua, de existência de outras pessoas e para a colocação de si próprio como um indivíduo entre os demais.<sup>98</sup>

Os estudos dos estágios do desenvolvimento humano, segundo Jean Piaget, nos possibilitam conhecer os momentos adequados para qualquer intervenção prática, por exemplo, em sala de aula, quando as crianças entram em conflito. Ele descreve o desenvolvimento em quatro estágios que são chamados de fases de transição. São eles:

O estágio sensório-motor (0-2 anos). Neste estágio, o bebê começa a construir esquemas de ação para assimilar mentalmente o meio, busca adquirir controle motor.

O estágio pré-operatório (2-8anos), no qual se busca adquirir a habilidade oral, sendo possível nomear objetos e raciocinar intuitivamente<sup>99</sup>, mas ainda não consegue coordenar operações fundamentais. É a fase da inteligência simbólica. Ocorre uma crescente melhoria na sua aprendizagem, a criança desta fase é egocêntrica, centrada em si mesma não conseguindo se colocar no lugar do outro, deixa se levar pela aparência<sup>100</sup>

O estágio operatório-concreto (8-11 anos): representa a fase na qual é possível abstrair dados da realidade dependendo do mundo concreto para esta abstração. “Um importante

---

<sup>97</sup> RABELLO e PASSOS

<sup>98</sup> RAPPAPORT apud MADEIRA. P. 8.

<sup>99</sup>Um Pioneiro no Estudo da Inteligência Infantil. Disponível em: [http://psicopedagogiabrasil.com.br/biografia\\_jean\\_piaget.htm](http://psicopedagogiabrasil.com.br/biografia_jean_piaget.htm) acesso em 22 de abr. de 2011.

<sup>100</sup> ZILBER, Luzia Moreira. *A auto estima como fator determinante na aprendizagem*. 2003.TCC-Projeto A vez do Mestre, Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 2003.p. 13-14.

conceito desta fase é o desenvolvimento da reversibilidade, ou seja, a capacidade da representação de uma ação no sentido de uma anterior, anulando a transformação observada.”<sup>101</sup>

O estágio operatório-formal (12-15 anos) começa com o raciocínio lógico e sistemático, “as deduções lógicas podem ser feitas sem o apoio de objetos concretos.”<sup>102</sup> As estruturas cognitivas da criança alcançam seu nível mais elevado de desenvolvimento podendo resolver qualquer tipo de problema pensando abstratamente.

Em síntese, os estudos realizados, tanto por Erikson, quanto por Piaget demonstram que crises e conflitos são normais e saudáveis. Todo ser humano vive a necessidade de orientação, que cabe a quem tem mais experiência de vida. Mas necessita, também, de informação para que cada momento seja respeitado e orientado adequadamente.

Jean Piaget (1896-1980) foi um renomado psicólogo e filósofo suíço, conhecido por seu trabalho pioneiro no campo da inteligência infantil. Piaget passou grande parte de sua carreira profissional interagindo com crianças e estudando seu processo de raciocínio. Seus estudos tiveram um grande impacto sobre os campos da Psicologia e Pedagogia.<sup>103</sup>

Seria interessante que a humanidade caminhasse na direção de construir um mundo mais harmônico com mais humanidade e menos ciência, temos o conhecimento sobre o desenvolvimento humano e podemos aliar isso ao bom desempenho da aprendizagem concomitantemente.

[...] a ciência nem nos torna mais íntimos de Deus, nem possibilita um conhecimento útil e inocente acima de qualquer suspeita. Ao contrário, a ciência responde a interesses, não puçás vezes escusos, e sua ânsia no saber pelo saber a leva para longe da vida humana, muitas vezes estando a serviço da retirada de vidas humanas.[...]<sup>104</sup>

---

<sup>101</sup> ZILBER.2003.P. 14.

<sup>102</sup>Um Pioneiro no Estudo da Inteligência Infantil. Disponível em:[http://psicopedagogiabrasil.com.br/biografia\\_jean\\_piaget.htm](http://psicopedagogiabrasil.com.br/biografia_jean_piaget.htm) acesso em 22 de abr. de 2011.

<sup>103</sup> Um Pioneiro no Estudo da Inteligência Infantil. Disponível em:[http://psicopedagogiabrasil.com.br/biografia\\_jean\\_piaget.htm](http://psicopedagogiabrasil.com.br/biografia_jean_piaget.htm) acesso em 22 de abr. de 2011.

<sup>104</sup> GALLO. Sílvio.*Disciplinaridade e transversalidade.Linguagens espaços e tempos no ensinar e aprender.2* ed.Rio de Janeiro:DP&A, 2001. P.168.

### 3. CENÁRIOS DOS DESAFIOS PEDAGÓGICOS

É necessário explicar inicialmente o que se entende por currículo, para que fique claro a relevância do mesmo nos cenários do trabalho pedagógico.

Este termo vem do latim *currere*, ou seja, correr e tem os substantivos dele que são: *cursus* = carreira, corrida e *curriculum*, que conotativamente significa “carreira”.<sup>105</sup>

Dessa forma, surgem expressões como *cursus forensis* (carreira do foro), *cursus honorum* (carreira das honras). O termo *cursus*, que era mais comum, passou a ser usado a partir dos séculos XIV e XV no português, francês e inglês. Mais tarde surge a expressão *curriculum* nessas línguas. Segundo Hamilton<sup>106</sup>, apenas mais tarde surgiu a expressão *curriculum* no contexto da escola. Ele apresenta comprovações de que o termo apareceu em 1633 como ordenamento do que se ensina e se aprende na escola. O campo do currículo como estudo sistematizado dos saberes escolares e da organização da escola se configuram na primeira metade do século XX.<sup>107</sup>

É através do currículo elaborado para ser executado nas escolas que se pode organizar como serão trabalhados todos os conteúdos, os saberes, as habilidades e competências no processo ensino aprendizagem.

Ao longo da história da Educação muitas mudanças foram acontecendo na estruturação dos currículos e, de certa forma, é comum verificar que por vezes ele reproduziu somente o que o sistema dominante impôs, não priorizando as culturas locais e as diferenças existentes nas comunidades. “Os valores, os hábitos e costumes, os comportamentos da classe dominante são aqueles que são considerados como constituindo a cultura. Os valores e hábitos de outras classes podem ser qualquer outra coisa, mas não são a cultura.”<sup>108</sup>

Diante de uma Educação escolar que não respeita integralmente, via de regra, as diferenças de valores, o que se pode ter como resultado é a discriminação e a exclusão. Para se adequar ao que é estabelecido como correto, perde-se a identidade de cada um/a em sua singularidade.

Compreender a diversidade para que se possa conviver, enquanto cidadão digno de direitos e comprometido com seus deveres, resultada do que aconteceu na Educação de cada

<sup>105</sup> XAVIER, Gláucia do Carmo. *O CURRÍCULO E A EDUCAÇÃO INCLUSIVA*. Disponível em: < <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp0561135.pdf> > acesso em 17 de maio de 2011.

<sup>106</sup> HAMILTON, David. *Sobre as origens do termo classe e currículo*. Teoria & Educação, São Paulo, n. 6, p. 33-51, 1992.

<sup>107</sup> XAVIER

<sup>108</sup> SILVA, T.T. *Documentos e identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. p. 34.

um/a e de como foram resolvidas ou encaminhadas as questões conflitantes dentro e fora da família. “[...] *A criança tem uma atividade no mundo e sobre o mundo, na escola e fora da escola.* [...]”<sup>109</sup>

Mas o que é vivido na escola onde se passa muito tempo da vida e onde se depara com situações que são enriquecedoras no aspecto humano, é que de fato dá estrutura moral e ética para subsidiar a vida adulta.

Quem não se depara em sua vida de adulto resolvendo conflitos interiores frente à situações que nos surpreende, à medida que conhecemos pessoas novas ou o lado novo de pessoas de nossa convivência diária?

Buscamos em nossas memórias o que pode servir naquele momento de inusitado conflito e, se temos a chance de reavaliar atitudes e pensamentos em favor da aceitação, é porque o que ficou da Educação que tivemos foi significativo.

[...] Os alunos, como todo ser humano, são indivíduos singulares e, como todo ser humano, membros de uma sociedade. Todo ser humano é indissociavelmente social e singular, e não há nenhum sentido em se perguntar qual a parte do social e a do singular. Sou 100% social (senão, não seria um ser humano) e 100% singular (porque não há dois seres humanos semelhantes) e o total ainda é 100% e não 200%. Em termos mais científicos, as relações entre social e singular são multiplicativas e não aditivas. O que é preciso compreender é a forma social de ser singular e a forma singular de ser social<sup>110</sup>.

Como ser social e singular, ao mesmo tempo, sem abrir mão da identidade e das particularidades adquiridas com a diversidade de convivência que temos?

É necessário pensar no ser humano que cada um/a é, em face de seus valores mais arraigados e nas possibilidades de enriquecimento que recebo e repasso. Esta consciência é ensinada com o exemplo.

Diferentes currículos produzem diferentes pessoas, mas naturalmente essas diferenças não são meras diferenças individuais, mas diferenças sociais, ligadas à classe, à raça, ao gênero. Dessa forma, uma história do currículo não deve ser focalizada apenas no currículo em si, mas também no currículo como fator de produção de sujeitos dotados de classe, raça, gênero. Nessa perspectiva, o currículo deve ser visto não apenas como a expressão ou a representação ou o reflexo de interesses sociais determinados, mas também como produzindo identidades e subjetividades sociais determinadas. O currículo não apenas representa, ele faz. É preciso reconhecer que a inclusão ou a exclusão no currículo tem conexões com a inclusão ou exclusão na sociedade.<sup>111</sup>

<sup>109</sup> BARBOSA, Raquel Lazzari Leite (org.): *Formação de Educadores: desafios e perspectivas*, São Paulo. UNESP, 2003.p.24

<sup>110</sup> BARBOSA. 2003.p.25.

<sup>111</sup> SILVA apud MATIAS, Virgínia C. B DE Q.: *A transversalidade e a Construção de Novas Subjetividades pelo Currículo Escolar*. Disponível em: < <http://www.curriculosemfronteira.org/vol8iss1artcles/matias.pdf>> acesso em 17 de maio de 2011.

Construir currículos que vislumbrem o trabalho escolar diário voltados para a inclusão e a tolerância é uma tarefa árdua. Primeiro, pois não se pode garantir que este trabalho seja realizado de maneira eficaz nas escolas e, segundo, porque a interpretação e o encaminhamento adequados destes currículos, não é garantia de implementação satisfatória no dia-a-dia das salas de aula.

Na realidade, pouco conhecimento temos sobre como é realidade das comunidades nas quais as escolas estão inseridas, de igual maneira, sobre o/a perfil dos/as gestor/a que administram as escolas e mais, como os/as professores/as que estão à frente das salas de aula espalhadas por um país tão grande e tão diverso como o Brasil, pensam e agem, nos seus fazeres pedagógicos.

A escola para o povo só tem sentido numa nova forma de organizar a sociedade. Não é possível fazer uma escola para todos dentro de uma sociedade para alguns! Ou seja, a democratização da escola precisa ser acompanhada de um novo projeto social.<sup>112</sup>

Este Autor argumenta na direção da defesa de uma mudança da sociedade através da escola construindo uma sociedade mais humana. É também na Educação que se pode pensar a liberdade, formando uma sociedade para todos/a, aonde a convivência seja respeitosa e fraterna. A leitura e interpretação do currículo é fundamental para que o/a professor/a não seja apenas um instrumento reprodutor da cultura do poder dominante, ou seja, a criticidade no exercício da função docente para ampliar, em muito, a visão dos/as estudantes.

Ser professor, na acepção mais genuína, é ser capaz de fazer o outro aprender, desenvolver-se criticamente. Como a aprendizagem é um processo ativo, não vai se dar, portanto, se não houver articulação da proposta de trabalho com a existência do aluno; mas também do professor, pois se não estiver acreditando, se não estiver vendo sentido naquilo, como poderá provocar no aluno o desejo de conhecer?<sup>113</sup>

Estudar não é, portanto, considerado pela maioria dos/as estudantes como algo prazeroso. Na escola existem poucas oportunidades de expressão livre de pensamentos. As regras a serem cumpridas são mais fortes e, desde cedo, o/a estudante se depara com professores/as que querem a ordem e a disciplina a qualquer custo.

São poucos os/as professores/as que tem sensibilidade de escuta para as histórias de seus estudantes e muitos conflitos e transgressões de regras são consequência dessa triste realidade.

---

<sup>112</sup> VASCONCELLOS, apud Gadotti, Moacir. *Boniteza de um Sonho: Ensinar-e-aprender com sentido*. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2008-Educação Cidadã v. 2. P.104.

<sup>113</sup> VASCONCELLOS apud GADOTTI. P. 108

Na escola observa-se, ainda, grande preocupação com a permanência diária dos/as estudantes no espaço escolar. Eles são vigiados para não fugirem nos intervalos das aulas e o esforço na vigilância é constante. Caberia então indagar: se o/a estudante se sentisse bem no espaço escolar ele precisaria armar fugas?

Na verdade é urgente uma mudança estrutural no espaço escolar, que faça com que todos/as se sintam parte integrante na construção de um cenário produtivo. Alguns pensam que a cultura “[...] não tem correspondência com a qualidade real da cultura distribuída nas aulas [...]”<sup>114</sup>. Pensando na diversidade, pode-se afirmar que muitas vezes o que está estruturado no currículo, de maneira implícita ou explícita, desfavorece alguns modos de pensar, ser e de viver. Algumas aprendizagens são consideradas desnecessárias, homogeneizando outras para todos/as.

### **3.1. Concepções dos processos de Formação continuada**

A formação de professores tem feito uma grande caminhada na tentativa de promover maior qualidade na Educação. Um grande avanço nesta direção foi a obrigatoriedade da formação superior para os/as professores/as de Educação Básica, prevista no texto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, promulgada em 1996.

Entende-se que, com essa condição, o/a professor/a esteja mais capacitado e tenha atingido um nível mais abrangente em termos de pesquisa e de entendimento do desenvolvimento cognitivo, da construção do pensamento e do processo de ensino aprendizagem, dentre outros fatores que são importantes para a atuação na sala de aula.

No entanto, é possível verificar que muito ainda há por se fazer no Brasil em tratando do quesito formação de professores. Vencer o analfabetismo é outro grande desafio.

Também é fato que em vários municípios o investimento na formação de professores através de bolsas de estudos é constante, mas as condições de trabalho e remuneração são precárias. A verdade é que, enquanto não houver compromisso por parte de governantes, em fazer da Educação uma prioridade nacional, será inútil tantas políticas e legislações.

É raro os planejadores educacionais, assim como os órgãos do governo, encararem os professores como agentes importantes no processo de reforma educacional. Pelo

---

<sup>114</sup> SACRISTÁN, J.G. *O currículo: uma releção sobre a prática*. 3 ed. Porto Alegre: ArtMed, 2000 .p. 39.

contrário, a abordagem dominante consiste em treiná-los para que sejam implementadores eficientes de políticas desenvolvidas por outros, que nada têm a ver com a sala de aula. Em muitos projetos de reforma educacional de todo o mundo, a meta é ter professores-funcionários irreflexivos e obedientes, que implementem fielmente o currículo prescrito pelo Estado, empregando os métodos de ensino prescritos. Quando se fazem novos investimentos em educação, a tendência é investir em coisas como livros-texto e tecnologia educacional, não em pessoas<sup>115</sup>

No meu ponto de vista, não resolve tirar a formação técnica dizendo que uma formação cidadã resolve o problema da educação, na verdade o cidadão crítico precisa de profissionalização para sua subsistência. Seria prudente reforçar nas propostas curriculares dos conteúdos que permitam o exercício da criticidade, da criatividade, da liberdade de opinião e de expressão. “Em geral, há uma grande defasagem entre a retórica da educação democrática e centrada no aluno e o modo pelo qual se conduz a educação de professores.”<sup>116</sup>

O ato de ensinar é o mesmo ato que permite aprender, é uma relação de partilha e de humanização. A formação continuada é fundamentalmente necessária para que o professor/a não esqueça que a Educação oferecida por ele/a é que pode transformar a vida daquele estudante. Não é um ato mecânico, isento de reflexão e de significados.

Apesar da tendência dominante em empregar um modelo estreito de capacitação na formação de professores a fim de prepará-los para executar com eficiência os ditames de cima, nos últimos vinte anos, houve uma verdadeira explosão na literatura relacionada com a preparação de educadores como agentes reflexivos, com um papel importante na determinação do que se passa nas salas de aula e nas escolas e na assunção da responsabilidade por seu próprio desenvolvimento profissional.<sup>117</sup>

É, pois, necessário que, a formação do professor/a possa desencadear reflexões sobre sua atuação em sala de aula. Entender a experiência vivenciada por ele/a é fator primordial para elaboração de planejamentos. Entender que uma formação de qualidade produz *mais qualidade* na sua forma de ensinar, significa compreender que a elaboração desta formação deve incluir os anseios e necessidades dos/as professores/as.

O processo de formação e reflexão profissional deve acontecer durante toda a carreira do/a professor/a. O mundo não é estático, está em constante transformação e o professor/a precisa acompanhar estas mudanças e não permitir que isso lhe cause medo e insegurança na execução de seu trabalho.

---

<sup>115</sup> TORRE apud BARBOSA, 2003. P. 37

<sup>116</sup> BARBOSA, 2003.p. 40

<sup>117</sup> BARBOSA, 2003.p. 40-41

Só quem sabe o que é ser professor/a é quem *é/está* professor/a. Por mais que exista pessoas falando sobre Educação, escrevendo sobre Educação, palestrando sobre Educação, o verdadeiro e essencial professor/a é o/a que está na linha de frente no trabalho em sala de aula, principalmente na Educação Básica.

Atualmente, em várias partes do mundo, enfrentamos uma situação em que o discurso sobre os professores proclama autonomia, mais poder e profissionalização, ao passo que as condições materiais da atividade docente (o salário, o tamanho das classes, a disponibilidade de material curricular etc), seu *status* social e sua auto-estima não fazem senão se deteriorar.<sup>118</sup>

No Brasil o que se cobra do/a professor/a é extenuante, os pais direcionam para a escola grande parte de seus papéis na Educação de seus/suas filhos/as. Se, porventura estes aprendem algumas coisas indesejáveis é porque o/a professor/a não foi suficientemente competente para evitar que o fato ocorresse. Os/as professores/as são constantemente ameaçados e não é raro que sejam negligentes em função disso.

Enfim, é, pois, urgente que sejam encontradas alternativas mais ajustadas e saudáveis para a atuação do/a professor/a. Enquanto existirem desigualdades sociais, exclusão, baixos salários, falta de moradia, etc., a escola refletirá em sua realidade, a indignidade em suas relações.

O/a estudante não é o único culpado/a e o/a professor/a não é mártir! Existe uma situação de complexidade que deixa a todos/as desconfortáveis para a realização suas tarefas.

Faz-se necessário pontuar, que nossa opção em buscar compreensões dialógicas sobre o ato de aprender não se satisfaz com um interesse apenas fincado na compreensão do processo cognitivo ou interativo do aprendizado. Constrói em si o interesse político de pinçar uma compreensão implicada a uma transformação social no ato de aprender como um projeto social maior; uma preocupação com um outro compromisso com o ato de possibilitar a educação como vivência da heterogeneidade humana, como projeto solidariamente constituído. A prender solidariamente não significa ausentar-se do conflito de interpretações e de soluções, é antes de tudo um exercício que experimenta o fato de que não aprendemos de forma igual e nem chegamos às soluções dos problemas apenas de forma mimética e que lutamos por significados.<sup>119</sup>

### 3.2. Marcos regulatórios das Diretrizes curriculares

Os PCN's ou Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental foram elaborados para orientar os/as educadores/as quanto à sua prática educativa com os/as

<sup>118</sup> BARBOSA, 2003. p. 51

<sup>119</sup> MACEDO, Roberto Sidnei: *currículo, diversidade e equidade: Luzes para uma educação intercristica*. Salvador: EDUFBA, 2007.p. 143

estudantes. Contemplando uma vasta diversidade cultural do país, os volumes começaram a ser entregues aos professores em 1998.

É uma coleção composta de dez volumes sendo divididos em: um documento introdutório que justifica e fundamenta os temas transversais; seis documentos das áreas de conhecimento: Língua Portuguesa, Matemática, Ciências Naturais, História e Geografia, Arte e Educação Física. Três volumes com seis documentos referentes aos temas transversais, o primeiro volume traz a apresentação dos temas transversais, explicando e justificando a proposta dos Temas Transversais e abordando o tema Ética; o segundo trata de Meio Ambiente e Saúde e o terceiro Pluralidade Cultural e Orientação Sexual.

A intenção não é ter novas disciplinas, mas trabalhar naquelas existentes, os temas que surgem na escola com perspectiva de transversalidade.

O conjunto das proposições aqui expressas responde à necessidade de referenciais a partir dos quais o sistema educacional do País se organiza, a fim de garantir que, respeitadas as diversidades culturais, regionais, étnicas, religiosas e políticas que atravessam uma sociedade múltipla, estratificada e complexa, a educação possa atuar, decisivamente, no processo de construção da cidadania, tendo como meta ideal de uma crescente igualdade de direitos e entre cidadãos, baseado nos princípios democráticos. Essa igualdade implica necessariamente o acesso à totalidade dos bens públicos, entre os quais o conjunto dos conhecimentos socialmente relevantes.<sup>120</sup>

A nova LDB contempla não só a formação básica comum, mas a educação para a cidadania e a possibilidade de inserção no mercado de trabalho e /ou continuidade aos estudos. Os PCN's constituem, assim, uma resposta ao compromisso do governo brasileiro com órgãos mundiais como: UNESCO, UNICEF.

Em 1990 o Brasil participou da Conferência Mundial de Educação para Todos, em Jomtien, na Tailândia, convocada pela UNESCO, UNICEF, PNUD e Banco Mundial. Dessa conferência, assim como da Declaração de Nova Delhi – assinada pelos nove países em desenvolvimento de maior contingente populacional do mundo - , resultaram posições consensuais na luta pela satisfação das necessidades básicas de aprendizagem para todos, capazes de tornar universal a educação fundamental e de ampliar as oportunidades de aprendizagens para crianças, jovens e adultos.<sup>121</sup>

O Brasil tem ainda uma longa caminhada para que aconteça uma Educação de qualidade para a maioria da população, mas certamente muito já foi mudado para conseguir nas escolas a participação da comunidade na elaboração e formulação de proposta pedagógica e do projeto educacional.

<sup>120</sup> BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. V.1: introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais. 3ed. Brasília. MEC/SEF, 2001. p. 13

<sup>121</sup> BRASIL, 2001.p.14.

O envolvimento em debates sobre planejamento curricular acabou por enriquecer a execução dos mesmos. O caminho e o desafio que falta é o interesse da comunidade em processos mais democráticos para a Educação, já que não é incomum verificar a frustrante recusa de pais, estudantes e, até mesmo de professores/as na participação efetiva nas decisões da escola. Para os/as professores/as é imprescindível a assunção do papel a que se destinam, ou seja, considerar que:

[...] a escola não é apenas lugar de reprodução de relações de trabalho alienadas e alienantes. É, também, lugar de possibilidade de construção de relações de autonomia, de criação e recriação de seu próprio trabalho, de reconhecimento de si, que possibilita redefinir sua relação com a instituição, com o Estado, com os alunos, suas famílias e comunidades.<sup>122</sup>

É possível, então considerar que a Educação está bem respaldada com relação à legalidade do trabalho sobre diversos temas. A diversidade, que é o foco deste trabalho, além de ser um tema que pulsa na sociedade, não pode ficar de fora das discussões nas salas de professores/as, nas reuniões pedagógicas, reuniões de pais (não só em reuniões bimestrais, mas também em reuniões extras) como também no planejamento dos serviços de apoio escolar.

Há a necessidade de se lembrar que a abordagem de temas como sexualidade, religião e deficiência são mais polêmicos que outros e precisam de ter um preparo bem elaborado.

É comum conversar com pais que questionam o trabalho da escola, dizendo que lá não é lugar para esta ou aquela prática. Muito interessante a fala do Pró-Reitor de Extensão da UFBA, no prefácio do livro *Currículo Diversidade e Equidade* de MACEDO sobre a matéria:

[...] O social, com suas coerências e incoerências, suas ordens e suas desordens, torna-se dimensão genésica do novo à medida que assume as relações intercríticas como expressão de suas culturas relacionais. Vivemos um tempo em que as epistemologias necessitam dialogar com as múltiplas faces do social, para produzirem teorias que alimentem práticas vividas e não apenas práticas que se desejam viver um dia. A *intercrítica* é uma composição entre desejar, pensar, fazer, viver, porque como condição de anúncio e afirmação dos lugares que ocupamos no mundo, é também condição de anúncio e contestação dos lugares que roubam a legitimidade das nossas presenças no mundo.<sup>123</sup>

Caberia, portanto indagar: quem somos nós no mundo, que lugar ocupamos no mundo?

<sup>122</sup> BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. V.8: Apresentação dos temas transversais; Ética. Brasília. MEC/SEF, 1997.p.53

<sup>123</sup> MACEDO. 2007.p.17.

Em alguns momentos não toleramos a diferença e em outros momentos somos vítimas da intolerância. Precisamos abrir nossas cabeças e práticas, para mostrar que as possibilidades de convivência no mundo a partir de “[...] um conjunto de outros horizontes para a *re-ligação dos atos de currículo com Atos de Vida. [...]*”<sup>124</sup>

Os currículos escolares contemporâneos, pautados pelo trabalho transversal e pela interdisciplinaridade, podem ser ajustados de acordo com as realidades nas regiões diversas do país.

O principal papel transformador da Educação está na escola, na execução dos PCN’s, dos currículos, da LDB e de todos os documentos que norteiam os novos cenários da Educação.

Os atores, protagonistas desta história, estão lá também: gestores/as, professores/as, estudantes e famílias. Estes, deixaram de ser simples executores para tornarem-se analistas finais de um produto/processo que pode ser redimensionado e reconstruído, de acordo com as realidades presentes no dia a dia.

O que falta é a informação, o interesse e o reconhecimento de como o poder está na base da pirâmide e não no topo dela. Pode parecer utópico pensar desta maneira, mas a História mostra que as mudanças somente acontecem, quando o povo exige mudanças.

Movimentos sociais, vinculados a diferentes comunidades étnicas, desenvolveram uma história de resistência a padrões culturais que estabeleciam e sedimentavam injustiças. Gradativamente conquistou-se uma legislação antidiscriminatória, culminando com o estabelecimento, na Constituição Federal de 1988, da discriminação racial como crime. Mais ainda, há mecanismos de proteção e promoção de identidades étnicas, como garantia, a todos, do pleno exercício dos direitos culturais, assim como apoio e incentivos à valorização e difusão das manifestações culturais. Os povos indígenas, por exemplo, tem garantidos seus direitos de desenvolvimento de processos pedagógicos próprios, tradicionais, com liberdade de organização de suas escolas.<sup>125</sup>

O volume dos PCN’s dedicado a Pluralidade Cultural e Orientação Sexual traz como objetivos para o primeiro tema: conhecimento da diversidade do patrimônio cultural brasileiro; a valorização das diversidades culturais; o reconhecimento das qualidades da própria cultura, o desenvolvimento da empatia e solidariedade para com aqueles que sofrem

<sup>124</sup> MACEDO, 2007.p. 19.

<sup>125</sup> BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais.v.10:Pluralidade Cultural e Orientação sexual*. Brasília. MEC/SEF, 1997.p.22.

discriminação; o repúdio a toda discriminação; a exigência do respeito para si; a valorização do convívio pacífico; a compreensão da desigualdade social como problema de todos.

Os objetivos para o segundo tema são: respeito a diversidade de valores, crenças e comportamentos existentes relativos a sexualidade; compreensão da busca de prazer como dimensão saudável; conhecimento do próprio corpo, valorizando e cuidando da saúde; identificação e expressão de sentimentos; auto proteção em relacionamentos sexuais; ação de modo solidário em relação a portadores do HIV; conhecimento e adoção de práticas de sexo protegido; tomada de decisões responsáveis com relação a própria sexualidade; buscar orientação quanto a método contraceptivo.<sup>126</sup>

A escola precisa estar preparada para as demandas que chegam e para tanto, deve contar com outros profissionais para oferecerem apoio. Seria interessante que alguns temas previstos em currículos e outros documentos fossem abordados por profissionais que dominam as áreas, fazendo uma intervenção de parceria com os que atuam no trabalho pedagógico.

### 3.3. Gestão de processos escolares superando os discursos

A Educação precisa estar atenta para as demandas urgentes da sociedade, basear a formação de estudantes e professores/as de forma que a inclusão não seja discurso ou conteúdo estanque, mas que faça parte de trabalhos diários para ambos.

É perceptível que as coisas estejam acontecendo de maneira muito rápida. Mal se estabeleceu o respeito à situação feminina no mercado de trabalho e na sociedade, já se faz necessário outras inclusões, mais complexas e mais divergentes em opinião e apoio.

O olhar do/a gestor/a é fundamental para a construção de estratégias mais contundentes. Ele *pode* e *deve* influenciar de maneira construtiva na formação do/a professor/a e no processo de planejamento. “A espiritualidade unificadora e encarnada ajuda as pessoas e as organizações a estabelecerem pontes entre a fé e as realidades humanas, inclusive a gestão. [...]”<sup>127</sup>

<sup>126</sup> BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. V.10: Pluralidade Cultural e Orientação sexual. Brasília. MEC/SEF, 1997.p.59 e 133-134

<sup>127</sup> MURAD, Afonso: *Gestão e Espiritualidade: Uma porta entreaberta*. São Paulo: Paulinas. 2007.p.181.

O/A gestor/a precisa ter sensibilidade para encorajar o grupo de trabalho a respeito de sua função mais que educacional, eu diria social e política na edificação de uma Educação que reflita o sentimento holístico para a vida fraterna.

Usamos em vários momentos a palavra “complexa” com relação à inclusão, faz-se necessário citar um trecho de MURAD (2007) a respeito disso, que traduz perfeitamente o sentimento de “complexidade” na própria explicação da palavra. “A riqueza da etimologia permite compreender que o pensar complexo é aquele que lida com os conflitos, que abraça o diferente, sem ter pretensão de chegar a sínteses definitivas.”<sup>128</sup>

Não se pode ser ingênuo com relação à Educação para a diversidade, achando que o que se trabalha na escola vai mudar definitivamente o que o sujeito pensa a respeito de seus preconceitos.

Deve-se ter clareza que são muitos os obstáculos a serem superados e o trabalho da escola é mais um no contexto social, que conta ainda, com a participação intensa das mídias, redes sociais e de entidades de defesa dos grupos de minoria excluídos nessas lutas.

O/A gestor/a tem a seu favor a sensibilidade para passear nos dois mundos: o do estudante e o do/a professor/a. Ambos com peculiaridades distintas e nenhuma mais importante que a outra.

É necessário desfazer esse nó e aproximar os dois mundos, tanto nos processos, quanto na mente e no coração dos gestores. [...] A aproximação entre gestão e carisma manterá as características e as peculiaridades de cada pólo desta tensão dialética e estabelecerá uma ponte entre elas. Isso só será possível com a interdisciplinaridade, a transdisciplinaridade e, sobretudo, com o exercício do *pensamento complexo*.<sup>129</sup>

Este é um momento na História da humanidade no qual se está construindo um legado para o futuro que será bem significativo, ou seja, a capacidade de análise crítica a respeito das representações em sua gama de multiplicidades.

Um bom exemplo disso é o modelo de família que temos e que já declinou. Na verdade o que se perdeu nas famílias foi o compromisso e o respeito nas relações parentais.

Os idosos, por sua vez, explorados muitas vezes por seus familiares, sofrem com abandono e descaso, as mulheres abandonadas com filhos/as para criar sozinha, os/as negros/as e indígenas que estão à margem da Educação e de chances de trabalho dignas, para não falar das crianças em situação de risco nas ruas.

---

<sup>128</sup> MURAD. 2007.p.179.

<sup>129</sup> MURAD. 2007.p.178.

Apenas algumas dessas realidades nos causam indignação ou escândalo. Aquelas que, no entanto, são rotuladas como ‘denegrindo a imagem da família’, por exemplo, acabam sendo ‘o mote’ de discussões por serem, supostamente, carregadas de pecado.

Considero que o descaso, o abandono e a discriminação (homofóbica, etnoracial) são condenáveis e vão contra todos os princípios religiosos pregados por Jesus em sua passagem pela terra.

[...] Por mais que seja uma subjetividade livre e autônoma (seu *vis-à-vis*), o ser humano se encontra enraizado, como um ser-no-mundo, junto com outros e dentro da natureza (parte dela). Fenomenologicamente emerge, por um lado, como um ser de desejo ilimitado, daí seu caráter de projeto infinito, com capacidade de cuidado, de responsabilidade por sua vida, pela vida dos outros e pelo futuro na Terra. Por outro, nasce e vive dentro de limitações e circunstâncias que não escolheu, como o tipo de pais (severos ou ternos), sexo, a cor da pele, o lugar do nascimento, a cultura de origem, a mente desperta ou lenta, a carga genética que faz saudável ou deficiente físico ou mental. O ser humano interage com esses dados. Não se submete fatalisticamente a eles, mas os plasma e lhes dá uma configuração pessoal e social. [...] O justo, o correto, o útil e o bom surgem do diálogo interativo entre os condicionamentos e a liberdade, entre o ser humano parte da natureza e o ser humano *vis-à-vis* à natureza.<sup>130</sup>

Em síntese, a Educação precisa reinventar-se, recriar-se para atender as demandas que surgem. Não se pode esquecer o primordial nisso tudo, que é a questão humana das relações.

As pessoas deveriam viver a religião, ou viver espiritualmente não só em ambientes religiosos, mas nas relações com qualquer outro ser. Existe um pensamento que deveria pautar a vida de qualquer pessoa que é “tratar o outro como gostaria de ser tratado”, em alguma situação quem discrimina pode ser, também discriminado, e esse tipo de situação é dolorida e no mínimo, desumana.

---

<sup>130</sup> BOFF, Leonardo: *Ethos Mundial- Um consenso Mínimo entre os Humanos*. Rio de Janeiro: Record, 2009, pp. 54-55.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desta Pesquisa oportunizou uma significativa reflexão acerca de alguns cenários nos quais os diferentes níveis de exclusão se fazem presentes em nossa sociedade. Ficou claro, também, que a Educação é a chance que as pessoas encontram na vida para modificar vários estigmas sedimentados nas atitudes da vida social.

Com base na releitura de questões emergentes nos cenários educacional, teológico e pedagógico, quais são alguns dos desafios enfrentados pelos processos de escolarização de crianças e jovens no Brasil para consolidar o princípio da diversidade? Este é o eixo em torno do qual a Pesquisa foi desenvolvida.

No primeiro capítulo, que foi dedicado aos cenários dos desafios educacionais, pode-se verificar a luta das pessoas em grupos dentro da sociedade para conseguir a garantia de seus direitos, as possibilidades que a Educação proporciona e manutenção dos quadros de desigualdades que perduram nos dias de hoje.

O segundo capítulo faz referência aos cenários teológicos. Houve um breve percurso na maneira de pensar os desafios de natureza teológica. É possível verificar historicamente, por meio deles, que o teor do discurso e das práticas de Jesus não estabeleceu nenhum tipo de preconceito ou exclusão. Algumas citações bíblicas demonstram que na passagem de Jesus pelo mundo sua mensagem foi a de respeito, diálogo e aceitação das pessoas, desejando que todos vivessem em harmonia.

Afora isso, os profissionais envolvidos com a educação precisam exercer sua capacidade dialógica com os colegas de profissão e com as famílias, na tentativa de fazer parte de um processo mais dinâmico na Educação. O desafio cultural também é um tema inesgotável para descobertas e trabalho dentro da escola, precisa valorizar as histórias individuais, como fonte de formação de identidade da sociedade. Arelado a isso estão as heranças e costumes que o povo traz da ancestralidade, com valores significativos para que não se justifique a exclusão que está sempre presente.

O respeito às mulheres, bem como sua inserção em espaços antes dominados somente por homens, mostra o progresso que se alcançou na abordagem desse tema, pois não é produtivo ficar acuado.

As pessoas que são vítimas de algum tipo de exclusão precisam mostrar sua insatisfação e se organizarem, na tentativa de ganhar uma guerra que não tem trégua. Quem

está, de alguma forma bem estabelecido, não considera a sociedade injusta, essas injustiças só são percebidas pelas pessoas que são vitimadas corriqueiramente.

Há a necessidade, portanto, de se resgatar paralelamente o conceito de ética e vivê-la nas relações que se estabelece na sociedade e na escola, através da consciência clara deste conceito.

E, finalmente, o terceiro capítulo, que faz o caminho em direção aos desafios pedagógicos, na busca por projetos currículos para a diversidade. Pensando em uma construção que permita trabalhar nos conteúdos pedagógicos de forma interdisciplinar, aonde o respeito, a tolerância, a ética e a amorosidade sejam exaustivamente trabalhados junto aos estudantes desde a entrada na escola.

A formação inicial e continuada dos/as professores/as deve estar voltada para atender a todos estes anseios que aparecem na prática profissional de educadores/as e gestores/as.

Fazendo um balanço de toda a trajetória no Curso de Mestrado Profissional, que ora enseja a produção desta Investigação, posso afirmar, que esta vivência me oportunizou conhecer diferentes pontos de vista com relação à religião, à educação, à diversidade. Contribuíu, ainda, sobremaneira, para o meu desenvolvimento intelectual, porém o crescimento mais significativo foi de cunho pessoal, através das relações estabelecidas com pessoas de outros estados do Brasil, vindos com peculiaridades pessoais e culturais ricas e maravilhosas.

O contato com os/as professores/as, que também são autores competentes dentro do tema de Teologia e Educação (alguns dos quais são citados neste trabalho) em muito contribuíram com a oportunidade do debate e do diálogo.

Durante a produção deste trabalho pude realizar leituras interessantes, que ampliaram meu modo de ver as pessoas na sociedade e em especial dentro da minha ação pedagógica. Consegui desenvolver uma sensibilidade que antes não fazia parte da rotina de trabalho.

A questão respondida durante a elaboração deste trabalho me alertou para os modelos de gestão existentes nas escolas e como se pode promover qualidade nas relações interpessoais, promovendo situações de diálogo mais aberto e respeitoso.

A socialização do resultado desta pesquisa é interessante para que professores/as e gestores se enxerguem como pessoas capazes de transformar a realidade de muitos/as estudantes, a partir da mudança de práticas ultrapassadas e que são apenas reprodutoras de atitudes desestimulantes para a permanência daqueles na escola, ajudando a aumentar a evasão escolar.

O caminho a ser percorrido na tentativa da reformulação de práticas emancipatórias é longo, não é fácil. Mudar o modo de pensar e de aceitar o diferente requer um ininterrupto estudo por parte do/a professor/a. O importante é que as tentativas são indícios de esperança e a esperança é que embala a ação pedagógica.

A esperança é que condiciona a procura por espaços dentro das igrejas, escolas, etc, para a aceitação e a inclusão em grupos onde seja possível a cada cidadão viver com dignidade seus direitos!

## BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, José Roberto de Sousa: *Teoria do desenvolvimento psicossocial de Erick Erikson*. Disponível em <<http://www.webartigos.com/articles>> acesso em 18 de ab. de 2011.

*A roupa nova do rei* . Disponível em:< <http://bureaudarita.blogspot.com/2011/03/trabalhando-sinais-de-pontuacao-partir.html> > acesso em 04 de abr. de 2011.

BARBOSA, Raquel Lazzari Leite (org.): *Formação de Educadores: desafios e perspectivas*, São Paulo. UNESP, 2003.

BAUER, Carlos et al . *Políticas Educacionais e Discursos Pedagógicos*. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.

BOFF, Leonardo: *Ethos Mundial- Um consenso Mínimo entre os Humanos*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

BRAGA, Pérola Melissa Viana. *Envelhecimento ética e cidadania*. Disponível em:< <http://empeende.org.br/pdf/Capital%20%20Cidadania/Envelhecimento%20%20C3%A9tica%20e%20cidadania.pdf>> acesso em 04 de abr. de 2011.

BRANDÃO, Carlos R. *o que é educação?* São Paulo: Brasiliense, 1982.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. v.10:Pluralidade Cultural e Orientação sexual. Brasília. MEC/SEF, 1997.

\_\_\_\_\_. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. v.10:Pluralidade Cultural e Orientação sexual. Brasília. MEC/SEF, 1997.

\_\_\_\_\_. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. v.8: Apresentação dos temas transversais; Ética. Brasília. MEC/SEF, 1997.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. v.1: introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais.3ed. Brasília. MEC/SEF, 2001.

BUZZI, Arcângelo R. *Filosofia para Principiantes: A existência-humana-no-mundo*.11 ed. Petrópolis: vozes,2000.

CÂMARA DOS DEPUTADOS: *Constituição da República Federativa do Brasil 1988*. 22 ed.

CASAGRANDE, Cledes Antonio e MEURER, César Fernando. *Ética e educação: reposicionando o problema da formação moral sob a perspectiva da ética do discurso*. Disponível em<[http://w3.ufsm.br/senafe/trabalhos/eixo5/eixo5\\_cledesantoniocasagrande.pdf](http://w3.ufsm.br/senafe/trabalhos/eixo5/eixo5_cledesantoniocasagrande.pdf)> acesso em 14 de abr. de 2011.

CASTRO, Mary Garcia e ABRAMOVAY, Miriam. *Quebrando Mitos: juventude, participação e política. Perfil, percepções e recomendações*. Brasília: Ritla, 2009.

CLEIDE, Fátima. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação*. Brasília: Senado Federal, 2009.

CORTELLA, Mario Sergio. *Qual é a tua obra?: Inquietações propositivas sobre gestão, liderança e ética*. Petrópolis: Vozes, 2007. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Erik\\_Erikson](http://pt.wikipedia.org/wiki/Erik_Erikson)> acesso em 22 de abr. de 2011. Disponível em: <http://www.infoped.pt/Serik-erikson> acesso em 22 de abr. de 2011.

DORNELLES, Leni Vieira (org.). *Produzindo Pedagogias Interculturais na Infância* Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

ENGELMANN, Wilson. *Para entender; princípio da igualdade*. São Leopoldo: Sinodal, 2008.p.56

FERREIRA. Windyz Brazão: Educar na diversidade: Práticas educacionais inclusivas na sala de aula regular. Disponível em <<HTTP://www.grupo25.org.br/.../4Encontro-WindyZ-Ferreira-Educarnadiversidade-ensaiospedagogicos.doc>>. Acesso em 19 de março de 2011.

FREIRE, Paulo. *Política e educação*. (Coleção Questões de Nossa Época v. 23) São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia dos Sonhos Possíveis*. São Paulo: UNESP, 2001.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* Ed.27.São Paulo:Paz e terra,1996.

\_\_\_\_\_ e MYLES, Horton. *O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social*.5.ed. Petrópolis, RJ: editora vozes, 2009.

FREITAS, Maria Ester de. *Assédio moral e assédio sexual: faces do poder perverso nas organizações*.2001. Disponível em: <<HTTP://www16.fgv.br/rae/artigos/1033.pdf>> p. 13 acesso em 25 de mar. de 2011.

GALLO. Sílvio. *Disciplinaridade e transversalidade.Linguagens espaços e tempos no ensinar e aprender*.2 ed.Rio de Janeiro:DP&A, 2001.

GANGE, Françoise. *Jesus e as Mulheres*. Tradução de Lúcia M. Endlich Orth .Petrópolis, RJ:Vozes, 2007.

GOTTFRIED, Lou. *Gênero e Diversidade*. Disponível em:<<http://www.revistaladoa.com.br/website/artigo.asp?cod=1592&idi=1&moe=84&id=4176>> acesso em 25 de mar. De 2011.

GUGEL, Maria Aparecida. *A pessoa com deficiência e sua relação com a história da humanidade*. Disponível em <[HTTP://www.ampid.org.br/Artigos/PD\\_Historia.php](HTTP://www.ampid.org.br/Artigos/PD_Historia.php)> acesso em 25 de mar.2011.

HAMILTON, David. *Sobre as origens do termo classe e currículo*. Teoria & Educação, São Paulo, n. 6, 1992.

H.-G. GADAMER apud Scarlatelli, Cleide Cristina da Silva. *A vida à luz do encontro dialógico*. Disponível em <[http://www3.est.edu.br/publicacoes/estudos\\_teologicos/2004et2004-1sccarl.pdf](http://www3.est.edu.br/publicacoes/estudos_teologicos/2004et2004-1sccarl.pdf)> acesso em 01/03/2010.

Informações do site <[HTTP://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/brasil/festas-populares-do-brasil-3.php](http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/brasil/festas-populares-do-brasil-3.php)> acesso em 10 de março de 2011.

KLEIN, Remí. Criança. In: FILHO Bortolletto, Fernando; SOUZA, José Carlos de; KILPP, Nelson (Orgs.). *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo: ASTE, 2008.

KLEIN, Remí, BRANDENBURG, Laude Erandi e WACHS, Manfredo Carlos [orgs] *V Simpósio de Ensino Religioso: diversidade e identidade*. São Leopoldo: Sinodal- EST, 2008.

LEI 11.340, DE 07 DE AGOSTO DE 2006. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03ato2004-2006/2006/lei/111340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03ato2004-2006/2006/lei/111340.htm)> acesso em 13 de abr. de 2011.

MACEDO, Roberto Sidnei: *currículo, diversidade e equidade: Luzes para uma educação intercrítica*. Salvador: EDUFBA, 2007.

MADEIRA, Eunice do Vale. *Psicologia do Desenvolvimento e Dificuldades de Aprendizagem mód III: Desenvolvimento Psicossocial*. Universidade Cândido Mendes. Data Brasil, ensino e pesquisa.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO : *III Seminário Nacional de Formação de Gestores e Educadores: Ensaio Pedagógicos. Educação Inclusiva: direito à diversidade*. Brasília-DF, 2006.

MONTENEGRO, Oswaldo. *Cada irmão (raças e credos)*. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/Oswaldo-montenegro/189329/>> acesso em 09 de março de 2011.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Tradução de Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. Título original: La tête bien faite.

MUSSKOPF, André S.; STRÖHER, Marga J. (org.). *Corporeidade, etnia e masculinidade: Reflexões do I Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

NEMI, Ana; MARTINS, João Carlos e ESCANHUELA, Diego Luiz. *Ensino de História e Experiências: o tempo vivido*. São Paulo: FTD, 2009.

*O que todo cristão deve saber sobre homossexualidade*. Disponível em <[HTTP://ggb.org/cristao.html](http://ggb.org/cristao.html)> acesso em 25 de mar. De 2011.

PEGORARO, Olinto. *Ética dos maiores mestres Através da História*. 3ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008. P. 45

PEREIRA, Dulce Maria. A face negra do Brasil multicultural. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br> acesso em 20 de ag. de 2011.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA SECRETARIA ESPECIAL DOS DIREITOS HUMANOS COORDENADORIA NACIONAL PARA INTEGRAÇÃO DA PESSOA PORTADORA DE DEFICIÊNCIA. *Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência*. Protocolo Facultativo à Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência Brasília, 2007.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm)> acesso em 22 de dezembro de 2011

PROBST, Elisiana Renata. *A evolução da Mulher no mercado de trabalho*. Disponível em <<http://www.icpg.com.br/artigos/rev02-05.pdf>> acesso em 04 de abr. de 2011.

RABELLO, Elaine e PASSOS José Silveira: *Erikson e a Teoria Psicossocial do Desenvolvimento*. Disponível em: < <http://josesilveira.com/artigos/erikson.pdf>> acesso em 22 de abr. de 2011.

SACRISTÁN, J.G. *O currículo: uma releção sobre a prática*. 3 ed. Porto Alegre: ArtMed, 2000 .

SANTOS, José Luiz dos. *O que é Cultura*. Coleção Primeiros Passos.6.ed. Brasiliense,1987 Disponível em<[HTTP://pt.scribd.com/doc/6374274/O-Que-e-Cultura-Jose-Luiz-Dos-Santos](http://pt.scribd.com/doc/6374274/O-Que-e-Cultura-Jose-Luiz-Dos-Santos)> Acesso em 09 março, 2011.

SILVA apud MATIAS, Virgínia C. B DE Q.: *A transversalidade e a Construção de Novas Subjetividades pelo Currículo Escolar*. Disponível em: < <http://www.curriculosemfronteira.org/vol8iss1articles/matias.pdf>> acesso em 17 de maio de 2011.

SILVA, T.T. *Documentos e identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 2 ed.Belo Horizonte: Autêntica,2002.

TAILLE, Yves de La; OLIVEIRA, Marta Kohl de; DANTAS, Heloysa. *Piaget, Vygotsky, Wallon:teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus, 1992.

Um Pioneiro no Estudo da Inteligência Infantil. Disponível em:[http://psicopedagogiabrasil.com.br/biografia\\_jean\\_piaget.htm](http://psicopedagogiabrasil.com.br/biografia_jean_piaget.htm) acesso em 22 de abr. de 2011.

VASCONCELLOS, apud Gadotti,Moacir. *Boniteza de um Sonho: Ensinar-e-aprender com sentido*. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2008-Educação Cidadã v. 2. P.104.

VELLOSO, Renato Ribeiro. *Violência contra a mulher*. Disponível em <<http://www.portaldafamilia.org/artigos/artigo323.shtml>> acesso em 04 de abr. de 2011.

XAVIER, Gláucia do Carmo. *O CURRÍCULO E A EDUCAÇÃO INCLUSIVA*. Disponível em: < <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp0561135.pdf>> acesso em 17 de maio de 2011.

ZILBER, Luzia Moreira. *A auto estima como fator determinante na aprendizagem*. 2003.TCC-Projeto A vez do Mestre,Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro.